

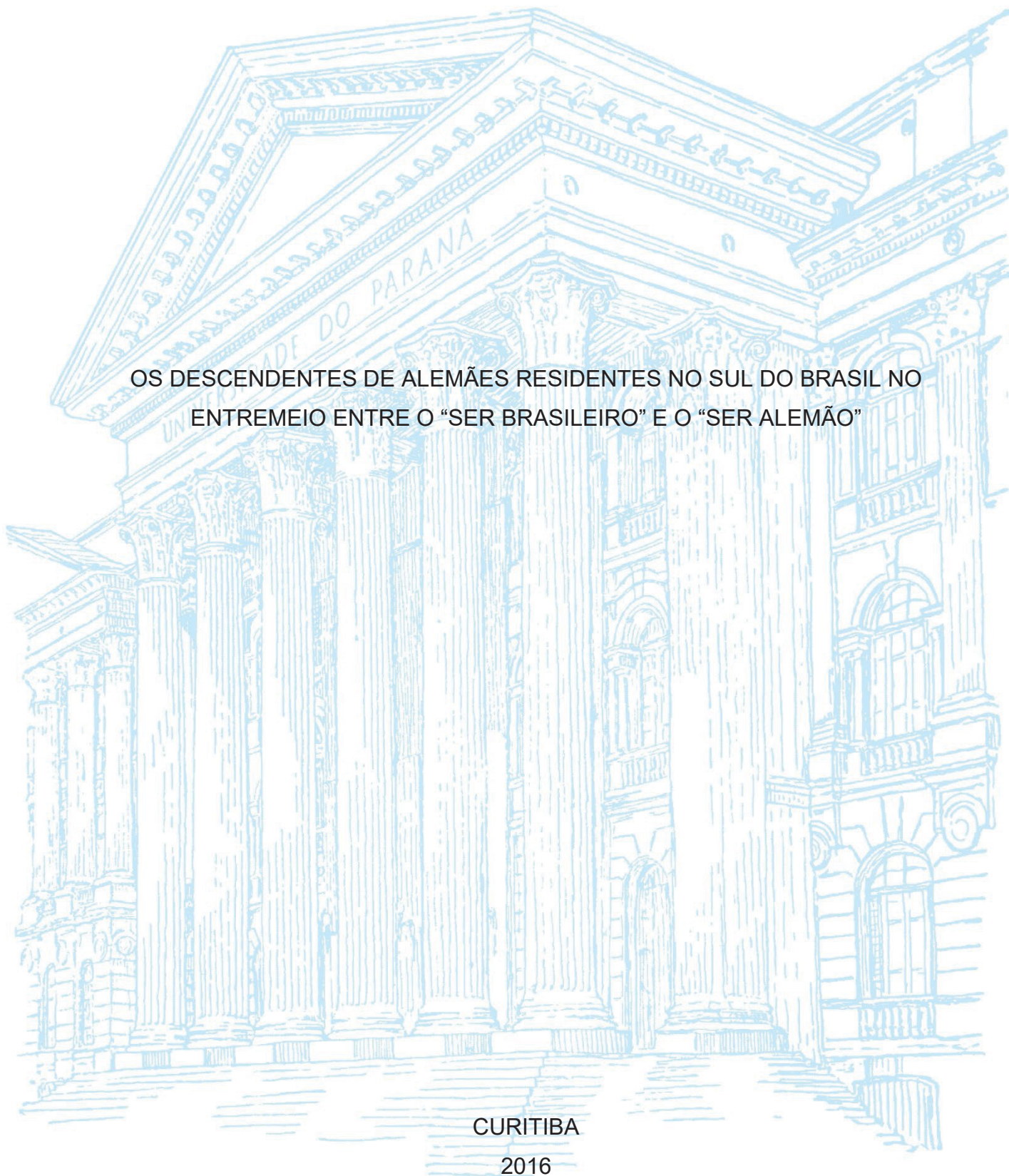
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SILVIA MILENA BERNSDORF

OS DESCENDENTES DE ALEMÃES RESIDENTES NO SUL DO BRASIL NO
ENTREMEIO ENTRE O “SER BRASILEIRO” E O “SER ALEMÃO”

CURITIBA

2016



SILVIA MILENA BERNSDORF

OS DESCENDENTES DE ALEMÃES RESIDENTES NO SUL DO BRASIL NO
ENTREMEIO ENTRE O “SER BRASILEIRO” E O “SER ALEMÃO”

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras – Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.^a Dra. Gesualda de Lourdes dos Santos Rasia

CURITIBA

2016

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Bernsdorf, Silvia Milena

Os descendentes de alemães residentes no Sul do Brasil no entremeio entre o “ser brasileiro” e o “ser alemão”. / Silvia Milena Bernsdorf. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gesualda de Lourdes dos Santos Rasia.

1. Imigrantes – Curitiba (PR). 2. Alemães - Paraná. 3. Identidade social. 4. Língua portuguesa – Falantes estrangeiros. 5. Língua alemã. I. Rasia, Gesualda dos Santos, 1965-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanóela Nogueira Dias CRB-9/1607



Setor de Ciências Humanas
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras
Tel./Fax: +55 41 3360-5102

Ata septingentésima septuagésima , referente à sessão pública de defesa de dissertação para a obtenção de título de mestre a que se submeteu a mestranda **SILVIA MILENA BERNSDORF**. No dia vinte e três de setembro de dois mil e dezesseis, às quinze horas, no anfi 1100, 11º andar, no Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelos seguintes Professores Doutores: Gesualda L.dos Santos Rasia, Presidente, Cloris Porto Torquato, Maria Cleci Venturini designados pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de dissertação intitulada **“OS DESCENDENTES DE ALEMÃES RESIDENTES NO SUL DO BRASIL NO ENTREMEIO ENTRE O ‘SER BRASILEIRO’ E O ‘SER ALEMÃO’**, apresentada por **SÍLVIA MILENA BERNSDORF**. A sessão teve início com a apresentação oral da mestranda sobre o estudo desenvolvido. Logo após, o senhor presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada um dos examinadores para as suas arguições. Em seguida, a candidata apresentou sua defesa. Na sequência, a Professora Gesualda L.dos Santos Rasia retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação da candidata. Em seguida, a senhora Presidente declarou **APROVADA** a candidata, que recebeu o título de **Mestre em Letras**, área de concentração **Estudos Linguísticos**. A versão final da dissertação deverá ser encaminhada à Coordenação em até 60 dias. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pela candidata. Feita em Curitiba, no dia vinte e três de setembro de dois mil e dezesseis.


Drª Gesualda L.dos Santos Rasia


Drª Cloris Porto Torquato


Drª Maria Cleci Venturini


Silvia Milena Bernsdorf

Dedico esta dissertação à minha Oma, Gertrudes Elsa Bernsdorf (*in memoriam*), que, com suas histórias e o amoroso “*Tchau, tchau, mein Schatz*”, sempre aqueceu meu coração.

Também a dedico aos meus pais, minha base: Lucília e Norberto.

AGRADECIMENTOS

À professora Gesualda, pela orientação, contribuições, paciência e por ter me apresentado o universo da Análise de Discurso de vertente francesa.

Às professoras Cloris Porto Torquato e Maria Cleci Venturini, por comporem minhas bancas de qualificação e defesa e pela presença constante em meu percurso no mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR, pela estrutura e excelente qualidade de seu corpo de docentes, dentre os quais destaco a professora Lígia Negri, que, desde a graduação e de forma sempre atenciosa, contribui com a minha vida acadêmica.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de auxílio financeiro, que possibilitou a realização deste trabalho.

Ao Grupo de Pesquisa “Estudos do Texto e do Discurso: entrelaçamentos teóricos e analíticos – GPTD” (UFPR/Unicentro), pelas trocas de conhecimentos e pelos debates enriquecedores acerca do discurso.

Aos entrevistados, que, gentilmente, me acolheram em suas residências e se dispuseram a exteriorizar um pouquinho de suas memórias.

À Dra. Lea Marcondes e ao Dr. Wirmond D’Angelis, profissionais que me acompanham e auxiliam nos aspectos tanto da vida acadêmica quanto da vida pessoal.

Aos queridos André Almeida, Carolina, Desirée, Evelyn, Izabel, Jaqueline, Joelma, Náiali, Priscilla, Renatinha e Thaisa, pela torcida, pelo ombro amigo nas dificuldades, por escutarem meus inúmeros desabafos e, principalmente, pelos momentos de descontração. À Lisiane, em especial, pela companhia no mundo louco da pós-graduação e pelo olhar cuidadoso de revisora e Mestra em Letras.

Por fim, agradeço especialmente aos meus pais, Lucília e Norberto, e ao meu irmão, Willian, por serem o motivo de tudo o que faço. Por me apoiarem desde o exato momento em que decidi fazer o mestrado, por acreditarem na minha capacidade e inteligência e pelo amor incondicional.

Quien escribe teje. Texto proviene del latín 'textum', que significa tejido.
Com hilos de palabras vamos diciendo, com hilos de tiempo vamos viviendo.

Los textos son, como nosotros, tejidos que andan...

Eduardo Galeano

RESUMO

Desde o século XIX, o Brasil tem recebido grandes contingentes de migrantes, que vieram (e continuam vindo), principalmente, em busca de melhores condições de vida longe de suas terras natais. Na Região Sul, as nacionalidades que se fizeram mais presentes, a partir da década de 80 do século XIX, foram a italiana e a alemã. Neste trabalho, especificamente, interessa-nos compreender como se constituíram as representações dos povos de origem germânica em relação à sua língua materna e à sua cultura para respondermos ao nosso objetivo central: como se dão os processos de constituição identitária de migrantes alemães e seus descendentes residentes no Sul do Brasil, especificamente em Curitiba/PR? Para a constituição do corpus de pesquisa, produzimos relatos memorialísticos que foram norteados pelas seguintes questões: ano e local de nascimento, vida familiar e escolar, práticas de uso das línguas alemã e portuguesa, sentimentos relacionados ao “ser alemão” e ao “ser brasileiro” e práticas religiosas e culturais, tanto na Alemanha quanto no Brasil. A Análise de Discurso (AD) de vertente pêcheuxtiana compõe nosso arcabouço teórico, e suas concepções sobre língua, formação ideológica, formação discursiva, formação imaginária e memória discursiva (interdiscurso) são conceitos-chave para procedermos às análises e compreendermos que domínios de memória emergem dos relatos, em quais lugares os sujeitos migrantes e/ou seus descendentes se inscrevem em relação à língua e à cultura alemã e, a partir disso, como se constituem os processos identitários. Além disso, ainda sobre o aspecto teórico desta dissertação, apresentamos os estudos que concernem à constituição identitária dos sujeitos, pois essa área do conhecimento possui pontos de convergência em relação ao que defende Pêcheux, apesar das diferenças. Nesse sentido, os estudos de Stuart Hall enriquecem nossa discussão no que se refere à constituição das identidades nacionais na pós-modernidade, condição de produção em que se configuram os imaginários acerca do “ser alemão” e “ser brasileiro”.

Palavras-chave: Migrante. Língua alemã. Língua portuguesa. Discurso. Imaginário. Constituição identitária.

ABSTRACT

Since the nineteenth century Brazil has received a lot of migrants who came (and still come) mainly to get a better life away their homelands. In the South nationalities became more present from the 80s of the nineteenth century were Italian and German. In this work specifically we are interested in understanding how are constituted representations of German people in relation to their mother language and culture to respond to our central objectives: how the identity constitution processes of German immigrants and their descendants residents in southern Brazil specifically in Curitiba/PR are established? To compose our analysis corpus, we produce memorialistic reports that were guided by the following questions: year and place of birth, family and school life, use practices of the German and Portuguese languages, feelings related to "be German" and "be Brazilian" and religious and cultural practices, both in Germany and in Brazil. The Pêcheutian French Discourse Analysis composes our theoretical framework, and his views on language, ideological formation, discursive formation, imaginary formation and discursive memory (interdiscourse) are key concepts to proceed to the analysis and understand how the memory areas emerge accounts, in which the subject places migrants and/or their descendants fall in relation to language and German culture and, from there, as are the identity processes. Furthermore, even on the theoretical aspect of this work, we present the studies that concern the identity constitution of the subject, because this area of knowledge has points of convergence in relation to the claims Pêcheux despite differences. In this sense, studies Stuart Hall enrich our discussion regarding the formation of national identities in postmodernity, production condition in which constitute the imaginary about "be German" and "be Brazilian".

Keywords: Migrant. German language. Portuguese language. Speech. Imaginary. Identity establishment.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – CONFIGURAÇÃO FS E FI	25
FIGURA 2 – CONFIGURAÇÃO FI, FD E PS.....	31
FIGURA 3 – MEMÓRIA DISCURSIVA.....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 DA CONVERGÊNCIA DE TEORIAS	15
2.1 ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA	15
2.1.1 Da dicotomia língua X fala à relação língua-discurso.....	18
2.1.2 Discurso: materialização da ideologia	23
2.1.3 Memória discursiva e formações imaginárias.....	34
2.2 PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA NA PÓS-MODERNIDADE	39
3 DA DETERMINAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO NOS EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO	48
3.1 CONDIÇÕES HISTÓRICAS DE PRODUÇÃO: A MIGRAÇÃO ALEMÃ PARA O SUL DO BRASIL	48
3.2 CONDIÇÕES IMEDIATAS DE PRODUÇÃO: O AQUI E O AGORA DA PESQUISA	56
4 ANÁLISE DAS DISCURSIVIDADES	59
4.1 DA CONSTITUIÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE: METODOLOGIA E SELEÇÃO DE RECORTES	59
4.2 ANÁLISE DAS DISCURSIVIDADES	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	79
APÊNDICE 1 – TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL	83
APÊNDICE 2 – TABELA COMPARATIVA DOS DADOS DA AMOSTRA	84
APÊNDICE 3 – EXEMPLO DE RELATO MEMORIALÍSTICO	85

1 INTRODUÇÃO

Motivada inicialmente apenas por um desejo pessoal, com minha entrada no Mestrado em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Paraná (UFPR) a realização deste trabalho passou a se justificar por meu interesse em estudar, com base na Análise de Discurso de vertente francesa, bem como nos estudos relacionados à constituição identitária dos sujeitos e das identidades nacionais na pós-modernidade, como se dão os processos de constituição identitária de migrantes alemães e de seus descendentes residentes no Sul do Brasil.

Muitas pessoas, mesmo sendo somente descendentes de alemães, ainda possuem vínculos de identificação com elementos da cultura de seus antepassados. Eu sou um exemplo disso: sou a quarta geração das famílias Matzkeit e Bernsdorf, meus bisavós paternos foram os últimos a nascer em terras germânicas. Meus avós, meu pai e eu nascemos todos no Brasil, em Curitiba/PR. Mesmo assim, a sensação é de sermos alemães legítimos, e é isto que me interessa: o que contribui para a existência e/ou o desenvolvimento desse sentimento de pertença? Que tipos de processos de identificação com a língua e a cultura alemã existem? Quais são os imaginários que configuram essa identificação?

Obviamente, esta dissertação não teve como foco somente a minha família. Como pesquisadora, tive ciência do cuidado que era necessário para manter o distanciamento dos aspectos emotivos que estão relacionados à minha identificação com a língua e a cultura alemã, para evitar que a análise fosse comprometida pelo excesso de subjetividade e compreendida, equivocadamente, como possuidora de um caráter estritamente familiar. No entanto, reconheço que o fato de eu me apresentar aos entrevistados como “igual”, no sentido de que, assim como eles, também tenho ascendência alemã, pode ter gerado um direcionamento em suas respostas, especialmente se considerarmos que a constituição identitária se dá pela via da comparação com o “outro”.

Para atingir o objetivo de verificar como se dão os processos de identificação com os imaginários que compõem o “ser brasileiro” e o “ser alemão”, optei pela produção de relatos memorialísticos de diferentes indivíduos, migrantes e/ou

descendentes de alemães residentes no Sul do Brasil¹, nos quais procurei elencar os domínios de memória que emergem e que estão relacionados ao processo de constituição identitária dos sujeitos.

Tendo em vista que a finalidade deste trabalho não era esgotar as possibilidades discursivas, a produção dos depoimentos foi realizada por meio de entrevistas não estruturadas. Essa modalidade, acredito, é bastante flexível e permitiu que as entrevistas fossem norteadas apenas por algumas questões, e não por perguntas fixas. Assim, os entrevistados foram convidados a falar sobre seu ano e local de nascimento, sua vida familiar e escolar, suas práticas de uso da língua alemã e da língua portuguesa, suas práticas religiosas e culturais realizadas tanto na Alemanha quanto no Brasil e seus sentimentos em relação ao “ser alemão” e “ser brasileiro”.

A AD francesa, representada essencialmente por Michel Pêcheux, é uma das fundamentações teóricas desta dissertação. Assim, no capítulo 2, justifico essa escolha, apresentando inicialmente seu histórico e principais deslocamentos operados na noção de língua, além de outros conceitos que são mobilizados no desenvolvimento das análises, como Formação Ideológica, Formação Discursiva, Formações Imaginárias e Memória Discursiva.

Ainda no capítulo 2, são apresentados os estudos relacionados à constituição identitária dos sujeitos, pois essa área do conhecimento possui pontos de convergência em relação ao que defende Pêcheux. Além disso, ao trazer os estudos de Stuart Hall, a discussão é enriquecida nos aspectos que se referem à constituição das identidades nacionais na pós-modernidade.

No capítulo 3, o destaque é dado a uma noção específica da AD denominada “condições de produção” para que se possa compreender o contexto sócio-histórico que desencadeou nas migrações de estrangeiros para o Brasil, além do panorama atual da Alemanha, considerando o momento em que os relatos e esta pesquisa foram produzidos (junho e julho de 2015). Essas contextualizações são fundamentais para as análises das discursividades em questão, principalmente para o levantamento dos domínios de memória por elas apresentadas.

¹ Especificamente em Curitiba/PR, tendo em vista que todas as entrevistas foram realizadas na capital paranaense, local onde circulam os sujeitos entrevistados, seja por terem aqui sua residência, ou por virem para cá com frequência.

No capítulo 4, em um primeiro momento, explico a metodologia de constituição do corpus de pesquisa e a organização das Sequências Discursivas de Referência (SDR) com base em questões que envolvem os sentimentos relacionados ao “ser alemão” e “ser brasileiro”.

Depois, procedo à análise das discursividades considerando as relações sociais como fatos que se configuram em processos discursivos. Assim, apresento as questões relacionadas às práticas das línguas alemã e portuguesa, aos valores e princípios familiares como partícipes dos processos de constituição identitária das posições-sujeito.

No quinto e último capítulo, sem a intenção de esgotar a discussão, apresento as considerações finais deste trabalho, que procuram destacar os aspectos mais relevantes acerca da configuração dos descendentes de alemães no entremeio do o “ser brasileiro” e o “ser alemão”.

Antes de encerrar a Introdução, faço uma ressalva: diante da variedade de grafias e significados encontrados para os termos “migrante”, “imigrante” e “emigrante”, optei por seguir a definição apresentada pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e utilizar a palavra “migrante” para designar os sujeitos que “[...] “escolhem” se deslocar não por causa de uma ameaça direta de perseguição ou morte, mas principalmente para melhorar sua vida em busca de trabalho ou educação, por reunião familiar ou por outras razões [...]” (ACNUR, 2015, [s. p.], grifo nosso).

Mesmo se tratando de uma noção relacionada ao atual fluxo migratório que está ocorrendo no mundo todo, penso que é possível utilizá-la no contexto deste trabalho, principalmente se se considerar que esses sujeitos vêm com o propósito de “melhorar sua vida em busca de trabalho ou educação, [...] ou por outras razões”.

No entanto, não posso deixar passar em branco a palavra “escolhem”, que, inclusive, destaquei entre aspas, justamente por pensar que essa escolha é relativa. Ou seja, no caso das migrações de estrangeiros para o Brasil, sabe-se que elas foram motivadas pelas condições da época, por uma imposição da história. Na Alemanha, por exemplo, as oportunidades estavam minimizadas, e muitas pessoas vieram atraídas pela possibilidade de uma vida melhor. Essa “escolha”, então, foi uma questão de sobrevivência.

2 DA CONVERGÊNCIA DE TEORIAS

Este capítulo é destinado à apresentação do arcabouço teórico que embasou esta dissertação. A Análise de Discurso (AD) de vertente francesa, desenvolvida entre as décadas de 60 e 70 do século XX por Michel Pêcheux, é o foco da seção 2.1. Em um primeiro momento, retomaremos seu histórico para destacar como se dá sua articulação com o materialismo histórico, a linguística, as teorias do discurso e a psicanálise. Em seguida, veremos como é operado o deslocamento da dicotomia língua-fala, proposta por Ferdinand de Saussure, para a relação língua-discurso, a qual nos permite visualizar o porquê de a língua, para Pêcheux, não ser autônoma e completa de sentido. Por fim, estudaremos como se dá a materialização da ideologia no discurso com a apresentação dos conceitos de Formação Ideológica, Formação Discursiva, Formação Imaginária e Memória Discursiva.

Na seção 2.2, optamos por apresentar os estudos que concernem à constituição identitária dos sujeitos, pois essa área do conhecimento possui pontos de convergência em relação ao que defende Pêcheux, apesar das diferenças. Além disso, acreditamos que ao trazermos os estudos de Stuart Hall nossa discussão será enriquecida nos aspectos que se referem à constituição das identidades nacionais na pós-modernidade.

2.1 ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA

“Disciplina de entremeio”: é assim que o funcionamento da Análise de Discurso (AD) é considerado por Eni Orlandi (1996). Essa classificação, que muitas vezes foi confundida com interdisciplinaridade, deve-se ao fato de a AD pensar o discurso, seu foco de atenção, como um objeto sócio-histórico e, nesse sentido, analisá-lo por meio da articulação das principais áreas de conhecimento das ciências sociais e humanas. Para melhor compreendermos como se deu essa articulação, interessa-nos lembrar o histórico da AD.

Maio de 1968 é o marco que nos ajuda a entender o contexto de fundação dos estudos da Análise do Discurso (AD) francesa. A crise histórica, política e social, que culminou nas agitadas revoltas do mês de 68, pedia uma nova forma de conhecimento, pois o que vinha sendo produzido até o momento – o Estruturalismo – não fornecia mais respostas adequadas aos anseios da sociedade naquela época.

Nos anos 50 e 60 do século XX, a Europa era o carro-chefe das ciências em geral, e a França era o seu centro intelectual. Nela, viviam grandes estudiosos, como Michel Foucault, Louis Althusser e Michel Pêcheux, que nos interessam especialmente para o entendimento da AD francesa.

Nessa época, o Estruturalismo vivia o seu mais importante momento. Graças à publicação do clássico *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure, em 1916, a Linguística ganhou o status de ciência e se tornou o modelo a ser seguido pela área das humanas. Entretanto, foram apenas 20 anos de glória. Após a Segunda Guerra Mundial, a França assinou sua rendição para a Alemanha e, com isso, começou a perder seu status político, econômico e social. Mesmo que o presidente francês Charles de Gaulle não quisesse admitir que a França tivesse perdido, o povo passou a viver na miséria. Assim, iniciou-se uma série de revoltas de operários e estudantes, que pediam vez e voz.

Chamada de Pós-Estruturalismo, essa fase é marcada pelos questionamentos, os quais, além da política, não deixam de lado o conhecimento. Ou seja, a grade de respostas prontas do Estruturalismo entra em crise, não se admitindo mais uma Linguística fechada em si mesma. “Num momento em que emerge o sentimento dos limites e do relativo esgotamento do estruturalismo, tudo se passa como se a revolução chomskiana trouxesse um segundo sopro e abrisse um futuro radioso para a linguística” (Maldidier, 2010, p. 12).

O que passou a ser pedido era uma ciência que recolocasse em questão as grandes dúvidas da sociedade. Por isso, a Linguística recorreu às ciências sociais e observou seu método de investigação.

É nesse contexto, portanto, que Michel Pêcheux funda a AD.

Michel Pêcheux [...] é filósofo. Desde o meio do decênio, ele se encontra envolvido nos debates teóricos que se desenvolvem na rua Ulm, em torno do marxismo, da psicanálise, da epistemologia. Ele situa-se, de início, no terreno da história das ciências. Passando a pesquisador no CNRS num laboratório de psicologia social, sua reflexão se inscreve de imediato nas questões da época sobre as ciências humanas. Uma figura essencial aqui, que desempenhará posteriormente um papel importante no pensamento de M. Pêcheux, é a de Michel Foucault (Maldidier, 2010, p. 12).

Para recolocar em causa a Linguística do Estruturalismo, ele recorre ao materialismo histórico e põe em destaque a posição do sujeito ideológico. Para isso,

colhe a leitura que Althusser fez de Karl Marx e que resultou na obra *Para ler o Capital*, em 1965.

Em 1969, Pêcheux publica a obra *Análise Automática do Discurso* (AAD), que “demonstrava uma vontade de formalização que podia parecer provocadora na época: a ‘máquina discursiva’” (Maldidier, 2010, p. 5). Nesse momento, o corpus era constituído por discursos políticos, que eram verificados quantitativamente. Ou seja, tinha-se o objetivo de evidenciar, por exemplo, o número de vezes que apareciam, em um mesmo trecho, os termos que eram escolhidos para serem analisados.

Com essa forma de verificação quantitativa, Pêcheux conseguiu a atenção de vários intelectuais da época, tendo em vista que, até então, os modelos de análise em destaque eram de base estruturalista. Segundo Ana Zandwais (2013, p. 2),

A designação “Análise Automática do Discurso” para uma disciplina que não seria senão aparentada à disciplina dos estudos linguísticos vem, portanto, responder às exigências dos interesses dominantes entre os intelectuais formalistas, convictos de que os processos de automatização dos fatos linguísticos conviriam a um modelo científico capaz de descrição do funcionamento da linguagem.

Entretanto, podemos considerar como um paradoxo essa primeira parte dos estudos da AD. “[...] os pressupostos de uma teoria de base marxista não poderiam admitir que os alicerces de pesquisa de base sociológica e humanista estivessem ancorados em métodos quantitativos” (Zandwais, 2013, p. 3).

Em 1975, Michel Pêcheux sentiu a necessidade de revisar e atualizar o que tinha proposto inicialmente em seus estudos, com a publicação da obra *Análise Automática do Discurso*, em 1969. Como, até então, o material estudado por Pêcheux era composto por discursos políticos, sua preocupação era, justamente, a de estar restrito apenas à área política, em detrimento de seu objetivo maior, que era o de fazer ciência. Assim, materializou o ponto de encontro de sua teoria com a Linguística e publicou, juntamente com Catherine Fuchs, a obra *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas*, em cujo início já foram delimitados os pontos de articulação e origem de seu empreendimento.

Ele reside, a nosso ver, na articulação de três regiões do conhecimento científico:

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;

3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Convém explicar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica) (Pêcheux; Fuchs, 1997, p. 163-164).

Dessas regiões, respectivamente, foram incorporadas as noções de história e ideologia, língua, discurso e sentido e sujeito². Aliás, mais do que incorporadas, foram (são) consideradas criticamente pela AD. Sendo assim, julgamos necessário, além de destacar que seu funcionamento esteja no entremeio dessas disciplinas, acrescentar que seu propósito é o de produzir deslocamentos:

Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (Orlandi, 2003, p. 20).

Ao questionar a Linguística “pela historicidade que ela deixa de lado”, Michel Pêcheux desenvolve, então, o principal de seus deslocamentos: a consideração da relação língua-discurso em detrimento da dicotomia língua-fala, de Ferdinand de Saussure.

2.1.1 Da dicotomia língua X fala à relação língua-discurso

Ferdinand de Saussure, em seu *Curso de Linguística Geral*, foi categórico ao estabelecer a dicotomia língua X fala. Para ele, a língua é um sistema, um produto de uma capacidade humana na qual, de acordo com a noção de valor, um elemento é o que o outro não é. Já a fala é a língua posta em uso, como um modo de realização individual. Portanto, “Com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental (Saussure, 2006, p. 22)”.

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (Saussure, 2006, p. 17).

² É importante destacar que ambas as áreas e respectivas noções, mesmo que apresentadas de forma pontual neste trabalho, não podem ser compreendidas separadamente, pois todas, juntas, compõem o tecido discursivo.

Para Michel Pêcheux, porém, é justamente o que é considerado “acessório e mais ou menos acidental” que interessa. Segundo ele, a relação entre a língua e os objetos da formação social merece, sim, atenção, pois a língua é a base comum para a realização do processo discursivo, “[...] sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias etc., que funcionam entre elementos linguísticos – significantes – em uma formação discursiva dada” (Pêcheux, 2014, p. 148).

Nesse sentido, a língua na AD não pode ser vista como sistema, sendo unicamente um objeto de concretização da fala. Todos vivemos em sociedade, inseridos em uma formação social, cujas relações nunca são estáveis. A língua faz parte disso e só faz sentido nessa relação histórica e social. Portanto, para fazer sentido, a língua precisa se inscrever na história, a qual também só faz sentido se pensada na sua relação com a língua. Aliás, quando nos referimos à relação língua-história, é importante frisar que o conceito de história que está em jogo não consiste em uma simples descrição de fatos, com caráter de contextualização, mas, sim, na presença da história na constituição da língua e vice-versa. É por isso, por exemplo, que Ferreira (2003) acredita ser mais pertinente o uso do termo “historicidade” na língua, em vez de história.

Em outras palavras, pelo fato de língua e história serem intrínsecas é que não podemos pensar em uma língua integralmente autônoma, que funcione como mero instrumento de comunicação, sendo estática e transparente. Ela é influenciada por sua relação com a história, bem como influencia esta última. A língua, então, não é fechada em si mesma, ela é passível de acréscimos, mal-entendidos e falhas.

A língua na Análise do Discurso é tomada em sua forma material enquanto ordem significante capaz de equívoco, de deslize, de falha, ou seja, enquanto sistema sintático intrinsecamente passível de jogo que comporta a inscrição dos efeitos linguísticos materiais na história para produzir sentidos (Ferreira, 2003, p. 196).

Na AD, passa-se da compreensão da língua como estrutura para a sua consideração como funcionamento e acontecimento, ou seja, como discurso. Por isso, não nos preocupa o entendimento e a interpretação dos conteúdos, mas, sim, de como eles são construídos para que produzam um ou outro sentido. Isso não significa, no entanto, que o analista do discurso não vá atentar, em suas análises, para os aspectos estruturais da língua. Os aspectos sintáticos de um texto, por exemplo, também são

elementos importantes para a compreensão da constituição do discurso, sentido e sujeito, porque a base linguística é onde se materializam as discursividades, histórias e ideologia.

Para ilustrarmos essa autonomia relativa da língua e sua susceptibilidade às perturbações, às rupturas e aos mal-entendidos, citamos a palavra “Schimia” (ou “Chimia”), presente no vocabulário de muitos brasileiros, em sua maioria do Sul, para fazer referência a doces ou geleias de frutas. Apesar de ser frequentemente relacionada às tradições gaúchas, poucos sabem que tem relação com um costume trazido pelos migrantes alemães, o de cozinhar frutas com açúcar para fazê-las durar mais tempo (Araujo, 2015). *Schmier* (em dialeto alemão) é o nome do doce resultante desse processo, e *schmieren* é um verbo, cujo significado mais comum é “barrar³ o pão com manteiga” (Pons, 2009, p. 765-766). Com o passar dos anos, a palavra – e o costume em si – foram incorporados pelos brasileiros, principalmente se considerarmos a relação língua-história. Se considerarmos a grande carga de memória afetiva que essa palavra carrega, podemos compreender a continuidade do uso da palavra “Schimia” até os dias de hoje, pois seu uso é um modo de se manter, indiretamente, os laços com a pátria alemã e seus costumes.

No entanto, se pensarmos “a língua a partir da busca pela identidade na diferença” (Scherer, 2003, p. 121), compreendemos o funcionamento dessa palavra por meio da memória discursiva. Ou seja, como, para Pêcheux, a palavra não possui sentido próprio, ela significa de acordo com a filiação à FD, seu uso não se trata da questão do valor semântico das palavras “geleia” e “*Schmier*”, mas, sim, do valor que o sujeito tem relacionado ao saber que essa palavra comporta em relação à memória histórica.

A formação histórica e a formação do simbólico no discursivo fazem entender essa ação, porque o sentido não está na utilidade do que se aprende ou que se aprendeu, mas no sentido em relação ao que eu sou como sujeito na história, na relação de sentido e de valor entre o sujeito e o saber. [...] A formação está centrada sobre o mundo da referência, referência a um social, referência em relação a um mundo manifestado em relação a si. Sempre haverá negociação de sentido em relação à referência. Se tem sujeito é porque tem sentido (Scherer, 2003, p. 121).

Nesse exemplo, vemos que a memória funciona pelo anverso do esquecimento: não necessariamente lembramos que “*Schmier*” é uma palavra

³ No sentido de passar sobre, lambuzar, untar.

estrangeira, e a maioria das pessoas nem sabe de onde ela vem, apenas usa-a. O estranhamento pode se dar, talvez, pela grafia, pela presença da língua-outra, o alemão, na língua-uma, o português, do encontro do não usual (início de palavra com quatro consoantes “Schm”) com o que é, inclusive, aportuguesado para “Chimia”, designando geleia/doce.

No Sul, insiste a memória do nome alemão e, hoje, afirmações como “Chimia é doce gaúcho” são comuns no sentido de legitimar sua origem típica gaúcho/brasileira (Araujo, 2015). A memória discursiva funciona, então, pelo ponto de encontro de uma atualidade com um passado de duas línguas, em ausência e em presença, pela tentativa de legitimação e, ao mesmo tempo, pelo estranhamento.

Quando, anteriormente, afirmamos que a língua está em constante movimento, estávamos fazendo referência ao que Eni Orlandi denominou língua fluida, em oposição à língua imaginária.

A língua imaginária é aquela que os analistas fixam com suas sistematizações e a *língua fluida* é aquela que não se deixa imobilizar nas redes dos sistemas e das fórmulas.

A língua fluida – língua-movimento, mudança contínua – pode ser observada quando se focaliza a história dos processos discursivos que constituem as formas dos sentidos da linguagem no seu contexto.

De seu lado, os modelos de sistematização, fundados nos estudos linguísticos (gramaticais), produzem suas obras, objetos-ficção não-contextualizados, que chamamos línguas imaginárias: línguas-sistemas, normas, coerções, línguas-instituições, a-históricas (Orlandi, 2008, p. 86-87, grifos da autora).

Por mais que a AD constate a existência de ambas as concepções, é a noção de língua fluida que ela defende, tendo em vista que considera língua e história como indissociáveis. A noção de língua imaginária, ao contrário, trata-se de uma tentativa de padronização, de fixação de um sistema, cujo foco principal é estabelecer um efeito de unidade. Explicamos: desde a fundação do Brasil, com a chegada dos colonizadores, tentou-se impor a língua portuguesa de Portugal como idioma oficial, em detrimento das outras línguas que aqui já existiam. Fazendo uma ponte com o tema deste trabalho, também citamos a política linguística da era Vargas⁴, que estabeleceu a proibição da prática de outros idiomas em terras brasileiras. Nos dois casos, a justificativa de tal imposição era o desejo de se consolidar uma nação, em

⁴ Oficializada por meio do Decreto-Lei n. 1.545, de 25 de agosto de 1939, que dispunha sobre a adaptação ao meio nacional dos brasileiros descendentes de estrangeiros.

que todos falassem a mesma língua e se identificassem por meio dela e com ela. Porém, sabemos que os interesses políticos eram (e ainda são) o principal objetivo dessas estratégias. A normatização é um jogo político, em que se procura a dominação, a conquista do poder sob determinados sujeitos, por meio de um efeito de homogeneidade.

Além disso, sabemos que, quando uma língua se desloca de um país para o outro, existem os deslizamentos linguísticos e os movimentos de memória, porque se configura uma nova situação enunciativa. No caso da colonização brasileira, por exemplo, a língua para cá trazida (por imposição, não esqueçamos) foi a do colonizador português, mas, por conta dos processos de sedimentação, apropriação e territorialização em outras condições de produção e de memória, fizeram com que os efeitos de sentido que ela produzisse fossem diferentes, pois passaram a se referir às variedades brasileiras existentes.

O novo espaço de comunicação resiste com sua materialidade à língua que chega com os portugueses em sua memória já falada, já dita. Desdobram-se, transmudam-se os modos de dizer. A relação palavra/coisa faz ruído, relação não coincidente entre si e nem perfeitamente ajustada. Outras formas vão estabelecer-se fazendo intervir, e ao mesmo tempo constituindo, a memória local. [...]

A partir de sua memória, o colonizador português reconhece as coisas, os seres, os acontecimentos e os nomeia. Mas ele o faz, transportando elementos de sua memória lingüística. Há um investimento na relação palavra/coisa, a questão incidindo sobre o referente: na presença de um nome, estamos diante da mesma coisa (a do Brasil e a de Portugal)? Como estamos no Brasil, há um deslocamento (transporte) que força contornos enunciativos diferenciados. Essa diferença se torna cada vez mais uma diferença de línguas (relação palavra/palavra, e não da palavra com a coisa). Daí resulta todo um trabalho sobre a língua, de classificação, organização, definições em listas de palavras, dicionários (Orlandi, 2005, p. 29).

Em outras palavras, o funcionamento linguístico é historicamente determinado, e sua heterogeneidade é perceptível quando tomamos conhecimento desses constantes movimentos dos sujeitos ao longo da história. Assim, “[...] joga em nossa língua um fundo falso em que “o mesmo” abriga, no entanto, um “outro”, um diferente histórico que o constitui ainda que na aparência do “mesmo” [...]” (Orlandi, 2005, p. 30).

Esse movimento sinaliza, portanto, a necessidade da relação língua-história para que possamos compreender o objeto maior de atenção da AD: o discurso.

2.1.2 Discurso: materialização da ideologia

Na seção anterior, vimos que a relação língua e discurso não é uma dicotomia, mas, sim, um processo contínuo e recíproco que, por não possuir um limite bem definido, deve ser analisado à luz da relação entre o social e o histórico, entre o linguístico e a exterioridade. Podemos dizer, então, que a língua é a materialização do discurso, que, por sua vez, é a materialização da ideologia.

A consequência de, na AD, não considerarmos a língua como transparente é que sua materialização também não é dotada dessa propriedade. Sendo assim, não podemos dizer que o discurso significa algo, mas, sim, que ele possui um efeito de sentido (Pêcheux, 2010) resultante de suas condições de produção. “[...] a atividade discursiva, que é uma das formas de manifestação da ideologia, exercida pelo sujeito interpelado ideologicamente e, por conseguinte, assujeitado, [...] reflete [...] as marcas de formação/reprodução/transformação das condições em que foi produzida” (Indursky, 1997, p. 19-20).

Assim, quando se está diante de um discurso a ser significado, intervém como materialidade significante o interdiscurso (ou memória discursiva), que, como veremos adiante, consiste no conjunto dos já-ditos que regulam o que pode ou não ser dito dentro de uma FD. Desse modo, o dito passa a ter sentido, como um discurso transversal, principalmente porque o pré-construído produz um efeito de evidência, isto é, remete à evidência de que outros discursos já estão pressupostos.

O pré-construído é, pois, o elemento que advém do interdiscurso e é incorporado pelo intradiscurso de acordo com as condições de produção da enunciação. “Articula-se o constituído, selecionado num processo inconsciente, com elementos dados pelas condições de produção que, como formações imaginárias, permitem à enunciação produzir-se como o já dado [...]” (Dorneles, 2005, p. 91).

As condições de produção⁵ são as circunstâncias contextuais em que ocorre a produção do discurso. Dentro delas, temos o contexto imediato (o aqui e o agora) e o contexto sócio-histórico (ideológico), que “em toda situação de linguagem [...] funcionam conjuntamente” (Orlandi, 2010, p. 15).

Cada enunciado, portanto, é um grão na rede de discursos (Foucault, 2008) e remete a uma gama enorme de formulações, mas não necessariamente na mesma

⁵ No capítulo 3, apresentaremos mais detalhadamente as condições de produção que permeiam os discursos que analisamos neste trabalho. Por ora, abordaremos apenas sua definição teórica.

ordem cronológica, pois, para a AD, é o momento das condições de produção de um discurso que importa, e não o momento cronológico. Assim, não é possível afirmarmos que o discurso tem um fundador.

À primeira vista, o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; como um ponto sem superfície mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de grupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo do discurso (Foucault, 2008, p. 90).

Temos, então, que os efeitos de sentido dos discursos só podem ser sustentados e justificados a partir de suas condições de produção e, no que concerne a essa questão, as noções de *Formação Social* (FS), *Formação Ideológica* (FI) e *Formação Discursiva* (FD) são fundamentais.

A FS é o que regulamenta os movimentos sociais e suas relações de produção. É, portanto, o “[...] espaço delimitado pelo conjunto de práticas, normas, princípios, tradições que organizam determinado grupo social” (Dorneles, 2005, p. 53). Por ora, destacamos que, neste trabalho, tomamos em sentido *lato* a Formação Social Capitalista; porém, como não nos interessa a mera nomenclatura, mas, sim, a compreensão da relação da FS com a FI e a FD, partimos para a apresentação das próximas noções, a fim de compreender seu relacionamento.

A FI é um conjunto de representações, saberes e forças que funcionam no social, confrontando-se ou aliando-se, de acordo com o que a sociedade regula (inconscientemente, daí a importância da natureza psicanalítica na AD). Portanto, a FI comporta várias Formações Discursivas em seu interior. A “Formação Ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras” (Pêcheux; Fuchs, 1997, p. 163, grifo dos autores). Considerando nosso corpus de pesquisa, bem como nosso objetivo de analisar as representações que dele emergem acerca do “ser alemão” e do “ser brasileiro”, os recortes de representação identitária que se fizeram presentes em nossas análises remetem ao Nacionalismo Alemão e ao Jeitinho Brasileiro.

FIGURA 1 – CONFIGURAÇÃO FS E FI



Fonte: A autora (2016).

A questão do jeitinho brasileiro trata-se de um discurso disseminado na sociedade, é da ordem do já-dito, uma representação que emerge mesmo que não seja dita e que aparece pela via da alteridade. É uma constituição que se dá pelo avesso, por meio do discurso outro, pois, segundo Coracini (2007, p. 59):

[...] o que somos e o que pensamos ver estão carregados do dizer alheio, dizer que nos precede ou que precede nossa consciência e que herdamos, sem saber como nem por quê, de nossos antepassados ou daqueles que parecem não deixar rastros. O que somos e o que vemos está carregado, portanto, do que ficou silenciosamente abafado na memória discursiva, como um saber anônimo, esquecido.

Sendo assim, quando nos deparamos com generalizações do tipo “o alemão é pontual”, temos que seu oposto não é, logo, os brasileiros não são pontuais.

Aliás, representações como essas é que podem contribuir para que o imaginário acerca do jeitinho brasileiro seja considerado como um valor de verdade, no sentido de que todos, sem exceção, ou melhor, 100% dos cidadãos nascidos no Brasil sejam adeptos a essa prática, “[...] que se traduz em esperteza, jogo de cintura, astúcia, mas que encobre outro sentimento forte de inferioridade que acomete o povo brasileiro [...]” (Coracini, 2007, p. 66). Sendo assim, quando estão atrasados, por exemplo, os brasileiros, supostamente, conseguem equacionar seu problema por meio de um “jeitinho”.

Segundo DaMatta (2004), o “jeitinho brasileiro” seria a evidência de uma inadequação entre o que é estabelecido pelo mundo jurídico (legislações) com o que ocorre nas práticas sociais.

A revogação do privilégio – a partir da Revolução Francesa, para ficarmos com um marco histórico clássico – engendrou uma justiça ágil e operativa na base do certo ou errado. Uma justiça cega e que não aceita o mais-ou-menos

e as indefectíveis gradações e hierarquias que normalmente acompanham a ritualização legal brasileira, que para todos os delitos, e sobretudo para cada criminoso, estabelece virtualmente um peso e uma medida.

[...] ainda somos um país onde a lei sempre significa um “não pode!” formal, capaz de tirar todos os prazeres [...] Se nossa relação com a lei é tão complicada, nada mais normal do que a adoção de um estilo de navegação social que passa sempre pelas entrelinhas [...] Assim, entre o “pode” e o “não pode”, escolhemos, de modo chocantemente antilógico, mas singularmente brasileiro, os “mais ou menos” [...] O “jeito” é um **modo pacífico e socialmente legítimo**⁶ de resolver tais problemas [...] (DaMatta, 2004, p. 47-48, grifo nosso).

Sendo assim, diante de situações-problema, inscrito em determinada FD, o discurso sobre o sujeito brasileiro gera um efeito de sentido de que ele não enxerga nas leis um instrumento que contribui para o bom funcionamento da sociedade e que, “[...] por ser norma universal aplicável para todos, não pode pactuar com o privilégio ou com a lei privada, aquela norma que se aplica diferencialmente, se o crime ou a falta foi cometida por pessoas diferencialmente situadas na escala social” (DaMatta, 2004, p. 47).

Aliás, é curioso que a nossa percepção dessa obediência às leis universais seja traduzida em termos de “civilização” e “adiantamento”, educação e ordem, quando na realidade ela é decorrente de uma simples e direta adequação entre a prática social e o mundo jurídico (DaMatta, 2004, p. 47)

É nesse sentido, por exemplo, que temos, em oposição ao jeitinho brasileiro, o “Caxias” para designar aquele que cumpre com todas as suas obrigações e leis (vide, por exemplo, a SDR9, no capítulo destinado às análises, quando o entrevistado afirma que era chamado de Caxias – e Hitler⁷ – por cumprir os horários de início e término de expediente em seu trabalho).

Apesar de, neste trabalho, não termos o objetivo de problematizar esse conceito, concordamos com Coracini (2007, p. 66) quando ela destaca que

a força da mídia na construção do imaginário, responsável pelo sentimento de identidade que nos une para formar uma nação, um grupo social, e, ao mesmo tempo, nos dá a medida da nossa singularidade, concedendo-nos a ilusão da unidade e da totalidade [...] [permite] entrever fios de identificações responsáveis pelas representações do estrangeiro sobre o Brasil e sobre o brasileiro e pelas representações do brasileiro sobre o estrangeiro e sobre a si mesmo.

⁶ Confirmando o que dissemos, o “jeitinho brasileiro” faz parte do já-dito, é um pré-construído socialmente legítimo dentro da FI do Jeitinho Brasileiro.

⁷ No caso dos alemães, ser chamado de “Hitler” tem um impacto maior em relação ao “Caxias”, se considerarmos as polêmicas e extremistas atuações do líder nazista na 2ª Guerra Mundial.

Além disso, se considerarmos que as FS tratam-se das relações de produção e, conseqüentemente, das lutas pelo poder, temos a seguinte questão: como se dão as representações imaginárias e, por conseguinte, as mediações concretas, no cotidiano de trabalho, entre sujeitos que primam por uma "eficácia", pontualidade, etc. e outros que se filiam à ideia de que para tudo se pode dar um jeito?

Ora, se pensarmos na instância da univocidade e do equívoco (Orlandi, 2012), temos que o discurso é perpassado por outras materialidades significantes, principalmente por não se tratar de uma "máquina discursiva perfeita" (Orlandi, 2012). A Posição-Sujeito Brasileiro-Alemão está no entremeio da Posição-Sujeito Brasileiro e da Posição-Sujeito Alemão e, ao mesmo tempo que se identifica (pela univocidade) a elas, cria, também, pontos inconscientes de resistência (equívoco), como observamos no recorte a seguir:

"Eu me sinto mais brasileira (pausa). Mesmo quando eu vou pra Alemanha assim... eu não consigo assim me identificar como parte do povo alemão, né, eu não... eu acho que eu tenho os dois lados, mas não assim... hoje em dia, o alemão é muito (ÊNFASE) diferente dos meus pais, dos meus avós, muito (ÊNFASE) diferente, sabe é assim..."

Temos, nesse caso, que a afirmação das identidades estaria funcionando como lugares de resistência, ou seja, ao mesmo tempo que se é "mais brasileira", ainda tem-se "os dois lados".

Convocamos, agora, o conceito de Formação Discursiva, que se submete ao de FI. A FD é o conjunto do enunciável, um princípio de repetibilidade que determina o que pode e deve (ou o que não pode e não deve) ser dito a partir de uma posição dada, que é a materialização da FI. Para Pêcheux (1988, p. 147), uma FD é "aquilo que, numa formação dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito*" (grifos do autor).

É importante salientar que o termo "Formação Discursiva" não foi uma inovação teórica de Pêcheux. Ele foi utilizado inicialmente por Foucault, para quem o conceito era mais institucional e relacionado às grandes áreas do dizer, como a medicina, a biologia, a economia, etc.:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos,

transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* [...] (Foucault, 2008, p. 43, grifo do autor).

Pêcheux deslocou essa definição ao colocá-la sob a égide da Formação Ideológica, de acordo com as leituras que ele realizou de Althusser, para quem a Ideologia é uma construção que deriva das condições em que o sujeito vive. Não é fantasia, deriva da ordem do real, da empiria. É através dela que os homens representam as suas relações com suas existências (Althusser, 1918).

A FD, então, representa, por meio da linguagem, a FI e é devido a essa relação que regula o que pode e deve e o que não pode e não deve ser dito. Por isso, compreender a relação do sujeito com a FD nos permite compreender sua concepção e o funcionamento do discurso.

Em primeiro lugar, precisamos nos lembrar de que os estudos da AD são atravessados por uma teoria de natureza psicanalítica, sendo assim, sua concepção acerca do sujeito é diferente, ele é dotado de uma subjetividade não subjetiva. Em outras palavras, temos que o sujeito é duplamente afetado, pela ideologia e pelo inconsciente, e é justamente por isso que não pode ser considerado como pronto, dono de si e de seu dizer. Muito pelo contrário, por estarem inseridos em formações sociais, que comportam diversas formações ideológicas, os indivíduos são, a todo momento, interpelados em sujeitos, e esse processo ocorre por meio das formações discursivas.

A FD, inicialmente, era considerada como fechada e dotada de unicidade, e desse pensamento resultou a noção de Sujeito (com “s” maiúsculo), que representaria o sujeito universal, dotado do saber pertencente à FD e totalmente identificado a ela, em oposição ao sujeito (com “s” minúsculo), o sujeito da enunciação. Assim, o indivíduo, identificando-se ao Sujeito e, conseqüentemente, a uma determinada FD, é interpelado em sujeito. O entrelaçamento entre o sujeito do discurso e o Sujeito do saber consiste em uma tomada de posição, isto é, o modo como o sujeito se reveste dos saberes universais, denominando-se forma-sujeito.

Porém, à medida que as análises eram feitas, Pêcheux percebeu que essa unicidade era utópica e passou a considerar que as fronteiras das FDs são pontilhadas e se entrecruzam, pois elas mesmas fornecem elementos para a construção de novas FDs por meio de enunciados, práticas, etc (Pêcheux; Fuchs, 1997). Assim, uma FD vai ter uma regularidade, mas de modo heterogêneo, porque, de acordo com a categoria da contradição, o outro sempre está dentro de um discurso, nem que seja

para refutá-lo. Do mesmo modo, a forma-sujeito também é heterogênea. “Chamar-se-á domínio da forma-sujeito [...] o conjunto das diferentes posições de sujeito em uma formação discursiva como modalidades particulares de identificação do sujeito da enunciação ao sujeito do saber” (Courtine, 1981, p. 51).

Nesse sentido, o processo de tomada de posição também passou a ser heterogêneo, comportando três modalidades⁸. Na primeira, denominada *superposição*, o sujeito da enunciação identifica-se plenamente à forma-sujeito dominante da FD na qual se inscreve e, por isso, é considerado como um bom sujeito por Pêcheux, pois não causa tensão no interior da FD e configura-se como um lugar de repetibilidade de seus saberes. Na *contraidentificação*, segunda modalidade, como o próprio prefixo “contra-” já adianta, o sujeito do discurso se contrapõe à forma-sujeito dominante, pois não se identifica 100% a ela, questionando-a e estabelecendo tensão em seu interior, sendo considerado, portanto, como mau sujeito, apesar de ainda fazer parte dela. Por fim, na terceira modalidade, a *desidentificação*, o sujeito deixa de se identificar totalmente à FD dominante e dela se desloca para identificar-se à outra forma-sujeito de outra FD. Essa movimentação pode ser de dois modos: ou o sujeito se desloca para ser interpelado por uma FD já existente e configurada, oposta à que estava vinculado antes, ou pode identificar-se a uma que ainda esteja em processo de constituição, configurando-se, portanto, em um acontecimento discursivo.

Esse movimento em direção ao novo, ao inusitado, esse movimento de ruptura marca um momento pontual, único, fugaz, irrepetível, o qual registra não só o surgimento de um novo domínio de saber, mas também de uma nova forma-sujeito. Ou, se preferirmos, de um novo sujeito histórico, ideológico. Como é possível perceber, o *acontecimento discursivo* não se dá a partir do nada. Ele ocorre a partir de um domínio de saber já existente em relação ao qual ocorre ruptura (Indursky, 2008, p. 21, grifo da autora).

Essa possibilidade de movimentar-se entre as FDs, permitindo que os saberes pertinentes a cada uma delas se façam presentes em sua constituição, dá ao sujeito a ilusão de que ele é livre para poder escolher a qual ideologia deseja se filiar, ou mesmo se “desassujeitar”. “[...] os processos de ‘imposição/dissimulação’ que constituem o sujeito situam-no (significando para ele o que ele é) e, ao mesmo tempo, dissimulam para ele essa ‘situação’ (esse assujeitamento) pela ilusão de autonomia

⁸ Apesar de colocarmos como três as modalidades de tomada de posição, pelo fato de as FDs terem suas fronteiras não definidas, o que permite a contradição em seu interior, não é possível falarmos em padrões de posição-sujeito, pois cada uma delas possui suas particularidades.

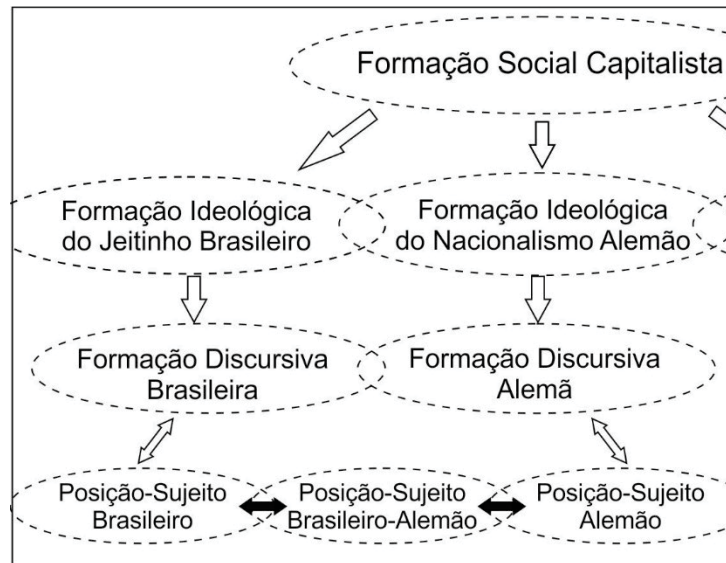
constitutiva do sujeito” (Pêcheux, 1988, p. 133). Porém, o lugar de onde se produz um discurso é que determina o sujeito. Segundo Foucault, “não importa quem fala, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar” (2008, p. 139). Esse lugar é social, principalmente porque não se trata de um sujeito empírico, mas, sim, de um sujeito dotado de inconsciente e constituído social e historicamente, portanto, ideológico.

Por ser atravessado pelo inconsciente, o sujeito tem a ilusão de que é a fonte do que diz, de que domina e é responsável por isso (*esquecimento n. 1*). Porém, como já dissemos anteriormente, o discurso não tem sua origem com margens determinadas no sujeito, mas, sim, na ideologia na qual se inscreve essa forma-sujeito. Além disso, como um sujeito pode se inscrever em variadas FDs de uma mesma FI, sua relação com os sentidos também se dá de modo heterogêneo e, por isso, pode assumir diferentes posições-sujeito.

Quanto à relação sujeito-sentido, temos que, apesar de o sujeito acreditar (também atravessado pela ideologia) que existe apenas um único modo de se dizer e compreender um sentido (*esquecimento n. 2*), não é possível considerarmos que um discurso sempre será entendido da mesma maneira por diferentes sujeitos e de acordo com o sentido que quem o “pronunciou” gostaria que tivesse. O discurso não é uma simples transmissão de informação. Novamente, o que temos, então, é um efeito de sentido, totalmente regulado pelas condições de produção em que o discurso está inserido.

Considerando a relação entre as noções acima apresentadas, retomamos o que foi apresentado na figura anterior para completá-la (Figura 2).

FIGURA 2 – CONFIGURAÇÃO FI, FD E PS



Fonte: A autora (2016).

Destacando as FIs que nos interessam para as análises, percebemos que ambas são constituídas por FDs que comportam os saberes relacionados ao “ser brasileiro” (Posição-Sujeito Brasileiro), ao “ser alemão” (Posição-Sujeito Alemão) e ao “ser brasileiro filho de alemães” (Posição-Sujeito Brasileiro-Alemão).

Essas posições-sujeito se relacionam por meio das representações imaginárias, modos de ser que funcionam pela ordem do imaginário, no sentido de que “colam” no sujeito, como se fosse um paradigma estável e uniforme, ou seja, a norma identificadora (Pêcheux, 2014). Isso é o que constitui os modos de identificação do sujeito com a Formação Discursiva na qual ele “se inscreve”⁹.

As formações imaginárias, como o próprio nome adianta, são gestos no campo do imaginário, no sentido de que os sujeitos se colocam em determinadas posições nas quais supõem estar. Por isso, são da ordem da generalização, no sentido de dar como valor de verdade suas proposições e envolver todos os sujeitos.

O sujeito ganha existência por um duplo movimento no imaginário, pois se identifica pelo simbólico com o Outro e reproduz em si aquilo que imaginariamente formula com base no que lhe é dado a ver e, de outro lado, é identificado pelo outro pelo efeito do imaginário (Dorneles, 2005, p. 62).

⁹ Colocamos a expressão entre aspas para destacar que por mais que tenhamos a forma reflexiva “se inscreve”, como se o sujeito fosse responsável pela própria ação que sofre, tal inscrição é dotada de inconsciente, diferenciando-se de um “vestir-se”, por exemplo, que é proposital e consciente.

Para compreendermos esse funcionamento, recorreremos a um exemplo. Faz parte do imaginário acerca dos alemães sua fama em produzir veículos automotivos de qualidade, tanto que o *slogan* de uma de suas principais montadoras, a Volkswagen, é *Das Auto* (o carro, em alemão). Esse enunciado por si só já é carregado de sentido, porque não se trata de um carro qualquer, mas, sim, “o” carro, com artigo definido, que marca bem sua distinção em relação aos demais, de outras marcas, no sentido de superioridade. Em setembro de 2015, porém, veio à tona um escândalo envolvendo a montadora alemã: “O governo dos Estados Unidos acusa a Volkswagen de burlar os dados de emissões de gases poluentes a fim de atender à regulamentação do país, e abre um processo criminal” (G1, 2015, [s. p.]). Martin Winterkorn, presidente-executivo da empresa, ainda destacou: “Pessoalmente e profundamente, lamento muito que tenhamos quebrado a confiança de nossos clientes e do público. A Volkswagen não tolera nenhuma violação, nem de leis, nem de normas” (G1, 2015, [s. p.]).

Se pensarmos nos modos de identificação propostos por Pêcheux, não podemos pensar somente em uma “quebra de confiança”, mas, sim, em algo muito maior, pois esse escândalo fragiliza as formações imaginárias acerca da qualidade dos carros alemães, quebrando, então, seu valor de verdade.

Nessa situação, retomando as modalidades de identificação, poderíamos pensar em três possibilidades. Na primeira, o bom sujeito não se abalaria com tais informações (ou mesmo nem daria atenção a elas) e continuaria sendo lugar de repetibilidade do *Das Auto* como “o (melhor) carro”. Em um segundo caso, teríamos o mau sujeito, que ficaria abalado com os escândalos, afinal, nunca imaginaria que isso fosse possível de acontecer com a melhor montadora de carros do mundo, no entanto, não deixaria de identificar-se com ela, procurando, provavelmente, informar-se mais sobre o caso e comparando-o com outros que envolveram outras marcas. Por fim, um sujeito inscrito em uma terceira posição questionaria tanto o ocorrido a ponto de se desidentificar com a FD que afirma que “os melhores veículos do mundo são os alemães”, deixando de fazer parte dela, deslocando-se para outra FD, como: “os carros alemães poluem o meio ambiente”, “a Volkswagen não se preocupa com questões ambientais ao produzirem seus veículos”, ou mesmo “os carros japoneses são melhores do que os alemães”.

Antes de encerrarmos esta seção, julgamos necessário fazer mais duas considerações, que serão elucidadas mais detalhadamente no capítulo destinado às

análises, quando conjugamos os estudos da AD com os processos pós-modernos de identificação.

Primeira observação: de acordo com nosso esquema, concomitante à existência da Posição-Sujeito Brasileiro e da Posição-Sujeito Alemão, temos a Posição-Sujeito Brasileiro-Alemão, que agrega os saberes relativos tanto à FD Brasileira quanto à FD Alemã de forma híbrida. Ora, isso é possível graças à fragmentação da forma-sujeito, que, como temos afirmado, tem como consequência o “[...] surgimento de uma nova posição-sujeito que [instaura] o estranhamento nos processos discursivos de uma formação discursiva [...] (Indursky, 2008, p. 29)”.

Transpondo o exemplo de Indursky (2008) sobre o surgimento da Teologia da Libertação na FD Católica para nossa questão de análise, explicamos: uma posição-sujeito até então filiada à FD Brasileira estabelece nela uma intensa movimentação quando se apropria também dos saberes relacionados à FD Alemã. O mesmo acontece na situação inversa. Uma posição-sujeito até então filiada à FD Alemã também causa movimentações ao se apropriar dos saberes relacionados à FD Brasileira.

O ponto de encontro desses dois domínios de saber provoca um reordenamento da memória dessas duas FD e, em que pese o efeito de sentido de estranhamento que tais novos sentidos podem aí provocar, esses saberes passam a coabitar com os outros que lhe são próprios. Ou seja, a posição-sujeito da TL [Posição-Sujeito Brasileiro-Alemão] não rompe com a FD Católica [Brasileira ou Alemã], não institui uma nova FD, não rompe com a forma-sujeito da FD Católica [Brasileira ou Alemã]. Entretanto, ela provoca a fragmentação da forma-sujeito da FD Católica [Brasileira ou Alemã] e a instauração de uma nova posição-sujeito, a da Teologia da Libertação [Brasileiro-Alemão] [...] (Indursky, 2008, p. 29-30).

A essa ruptura Indursky propõe o nome de *acontecimento enunciativo*, que “[...] traz para dentro desta FD sentidos que lhe são totalmente estranhos, impensáveis e que geram, neste domínio de saber, estranhamento e desconforto. E é esta característica que faz dessa nova posição-sujeito um acontecimento enunciativo” (Indursky, 2008, p. 29-30).

A segunda consideração diz respeito à noção de “posição-sujeito”, que, assim como aparece na AD, também é contemplada por Stuart Hall, quando este afirma que na modernidade ocorre um movimento de deslocamento.

As sociedades modernas, argumenta Laclau, não têm um centro, nem um princípio articulador ou organizador único e não se desenvolvem de acordo

com o desdobramento de uma única “causa” ou “lei”. A sociedade não é, como os sociólogos pensaram, muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesma (Hall, 2005, p. 16-17).

Sendo assim, as sociedades modernas são caracterizadas pela diferença, e são justamente as posições de sujeito que marcam essa variedade de identidades para os sujeitos. Para Hall, é a ênfase na fragmentação e no deslocamento que devemos ter em mente quando pensamos na questão da globalização.

Temos que a constituição identitária trata-se de um processo heterogêneo, não estático e que tem na relação com o outro seu modo de funcionamento. Essa questão será retomada mais adiante, ainda neste capítulo, quando trazemos os estudos relacionados à constituição identitária dos sujeitos na perspectiva da hibridação pós-moderna para ampliarmos nossa discussão acerca das identidades nacionais, das múltiplas identidades em coexistência e da constituição identitária por meio da alteridade.

Fechando nossas considerações e encerrando, portanto, esta seção, temos que o sujeito, para Hall, bem como sujeito e sentido, para a AD, são constituídos historicamente. Essa determinação se modifica na medida em que é atravessada pela historicidade e pela ideologia. É por meio do discurso que o sujeito manifesta sua filiação aos saberes de determinada FD e não de outra, e essa manifestação carrega as marcas da formação, reprodução e transformação das condições em que foi produzida (Indursky, 1997).

2.1.3 Memória discursiva e formações imaginárias

Desde o início deste capítulo, temos reforçado a relação intrínseca que existe entre ideologia, história e língua (discurso), e o interdiscurso é mais uma noção que nos auxilia na compreensão dessa relação. Para Pêcheux (2014, p. 148-149), “Toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas [...]”. Temos, então, que “[...] ‘algo fala’ (*ça parle*) sempre antes, ‘em outro lugar e independentemente’ [...]” (Pêcheux, 2014, p. 149, grifo do autor).

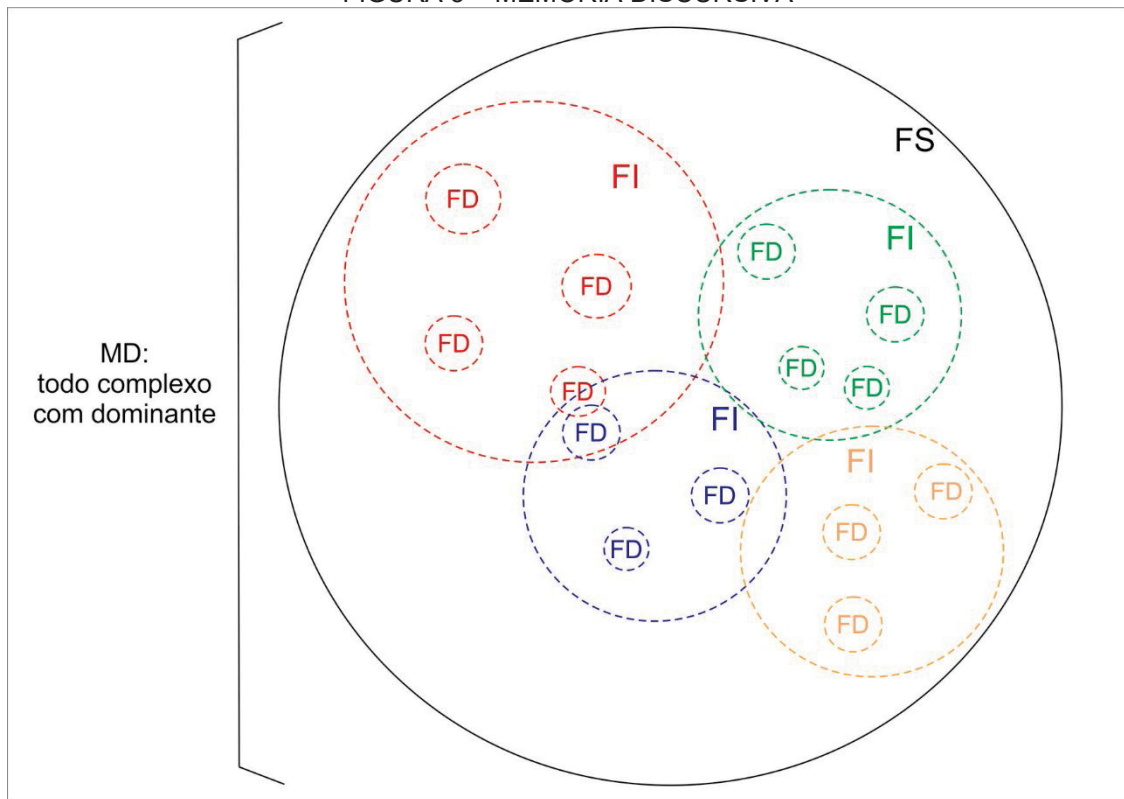
Sendo assim, compreender a noção de memória discursiva – doravante MD (ou interdiscurso)¹⁰ se impôs a este trabalho a partir do momento em que optamos por produzir depoimentos orais de migrantes alemães e/ou seus descendentes para verificar como se dão seus processos de identificação com a língua e a cultura alemã. Isso porque, nas entrevistas, os entrevistados foram convidados a se (re)lembrar de seu passado, principalmente da infância, em diálogo com os posteriores e diversos momentos de suas vidas, incluindo o atual, e, nesses relatos memorialísticos, como veremos no capítulo 4, emergem diversos domínios de memória que corroboram a presença do discurso na história e nos direcionam para a compreensão das formações discursivas e ideológicas que os interpelam em sujeitos.

“Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (Pêcheux, 1999, p. 50). A MD consiste no conjunto de informações já ditas dentro de determinada FD e que são esquecidas pelo sujeito no momento em que seu discurso é materializado linguisticamente. Ou seja, os discursos que estão envolvidos na FD, que formam as FI, fazem parte da memória discursiva, e é a partir dela que podemos compreender o que é dito. “É ele [interdiscurso] que fornece a cada sujeito a sua realidade enquanto sistema de evidências e de significações percebidas, experimentadas” (Orlandi, 2010, p. 18).

Para compreendermos a relação entre as principais noções da AD, vejamos a Figura 3.

¹⁰ Assim como Eni Orlandi, consideramos sinônimas as noções de interdiscurso e memória discursiva.

FIGURA 3 – MEMÓRIA DISCURSIVA



Fonte: A autora (2016).

Todos nós estamos inseridos em uma Formação Social (FS), que determina a organização das sociedades de acordo com suas relações de produção. As FSs, por sua vez, são compostas de variadas Formações Ideológicas (FIs), que constituem a base das representações e da identificação a saberes e determinam o que, dentro delas, pode e deve e o que não pode e não deve ser dito (FDs). A MD, funcionando como um macro-conjunto, compreende as outras noções constitutivas do discurso, marcando sua existência na história.

A noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regidas por aparelhos ideológicos [...] discursos que originam um certo número de novos atos, de palavras que os retomam, os transformam ou falam deles, enfim, os discursos que indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e ainda estão a dizer (Courtine, 2014, p. 105-106).

Assim como fez Jean-Jacques Courtine em suas observações acerca do estatuto da memória no campo do discurso político, também recorreremos à anedota de Milan Kundera sobre o episódio do chapéu de Clémentis, para compreendermos o funcionamento da MD. Em Praga, no ano de 1948, fazia muito frio no momento em

que o dirigente comunista Klement Gottwald estava prestes a discursar para uma multidão da sacada de um palácio. Clémentis, um dos vários companheiros que estavam ao seu lado na ocasião, retirou da própria cabeça um chapéu de pele e emprestou-o ao dirigente. Nas fotos oficiais, todas as pessoas que estavam presentes nessa ocasião foram registradas. Tempos depois, o mesmo Clémentis, acusado de traição, foi enforcado. Sua imagem nas fotografias da época foi simplesmente apagada, com exceção de seu chapéu, que ainda permanecia na cabeça de Gottwald.

Ao lembrarmos essa anedota, queremos afirmar que, pela existência da memória, tudo tem uma inscrição histórica: mesmo o que é silenciado/apagado ainda marca sua “presença ausente”. Sendo assim, a presença do chapéu personifica o que foi apagado propositalmente e ficou ausente, isto é, Clémentis e tudo o que ele representava, sua traição e infidelidade ao dirigente Gottwald.

Em outras palavras, o chapéu de Clémentis configura o funcionamento da MD: é ela que contempla o que pode vir à tona e quais são efeitos de sentido possíveis, de acordo com as condições de produção e inscrições nas FI e FD. Quando produzimos nossos discursos, portanto, não estamos exercendo apenas a cognição, mas, sim, nossa inscrição em uma formação social e histórica. Além disso, não podemos esquecer que a MD “[...] é feita de esquecimentos, de silêncios. De sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, de silêncios e silenciamentos” (Orlandi, 1999, p. 59).

Os discursos constitutivos da MD podem estar inseridos no domínio de memória, a partir do qual

[...] poderemos apreender os funcionamentos discursivos de encaixe do pré-construído e de articulação de enunciados: isso equivale a dizer que o domínio de memória representa, num plano de organização de corpus discursivo, o interdiscurso como *instância de constituição de um discurso transverso* que regula para um sujeito enunciator [...] o modo de doação dos objetos de que fala o discurso, assim como o modo de articulação desses processos: é a partir do domínio de memória que se poderá aproximar os processos que garantem a referência dos nomes por um sujeito enunciator e autorizam, assim, a predicação e a correferencialidade (Courtine, 2014, p. 112, grifos do autor).

No caso de nosso corpus trabalho, elencamos como possíveis os seguintes domínios:

- discursos nacionalistas (presentes, por exemplo, na literatura alemã) – o nacionalismo alemão, como veremos no capítulo 3, prega a valorização do

povo alemão como possuidor de um sangue “puro” (sem contato com outras nações) e exalta, principalmente, de seu componente linguístico. Assim, discursos que têm essa valorização dos aspectos relacionados à Alemanha e ao idioma alemão, em geral, remetem ao domínio de memória do nacionalismo (“o idioma alemão possibilita a expressão de sentimentos e emoções”).

- discursos familiares – valores e princípios passados de geração em geração, de pai para filho, por exemplo, que constroem representações que identificam essas famílias como educadas sob os moldes alemães (“o sujeito alemão honra com sua palavra, seus princípios e valores”).
- representações entre os sujeitos alemães – formas pelas quais os próprios sujeitos se caracterizam e identificam como alemães (“o sujeito alemão é trabalhador”).
- representações de “outros” sobre os sujeitos alemães – formas pelas quais os sujeitos alemães são representados (e até mesmo caricaturizados) pelos sujeitos que não são alemães (“o sujeito alemão é pontual”).

No funcionamento desses domínios, a compreensão de outra noção importante da AD, relacionada às FIs e, conseqüentemente, às FDs, é a de *formações imaginárias*, que funcionam nos processos discursivos designando “[...] o lugar que *A* e *B* se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e o lugar do outro” (Pêcheux, 2014, p. 82, grifos do autor). As formações imaginárias tratam-se, então, de representações que são determinadas na estrutura de uma formação social. No caso do Materialismo Histórico, por exemplo, temos que as relações de produção determinam as formas de organização das sociedades, por isso, então, a existência de pré-construídos que afirmam as posições e características específicas de “patrões” e “operários” (Pêcheux, 2014). Assim, “patrão” é sempre quem está em uma posição de poder, acima dos outros. Do contrário, “operário” é o trabalhador, que apenas obedece.

Grosso modo, podemos fazer uma relação das formações imaginárias com a de “imaginário popular”, que são representações frequentemente utilizadas para identificar e caracterizar algo, como se essa constatação fosse evidente e a única possível de se existir. Por exemplo, temos, como citamos nos tópicos acima, os imaginários que afirmam que todo alemão é pontual, honesto, regrado e trabalhador. Essas representações são estendidas para uma comparação dos alemães com Adolf

Hitler e seu perfil extremista e “linha dura”, funcionando como normas identificadoras de “todos” os sujeitos alemães.

No entanto, como vimos, é pelo funcionamento da memória discursiva que temos a ilusão de essa representação ser óbvia. Outros discursos falam antes, em outros lugares, e é a partir da inscrição dos sujeitos em FIs e FDs que a MD nos dá a impressão de tais representações e seus efeitos de sentido serem os únicos possíveis de existir. Além disso, a posição-sujeito dominante de determinada FD em que os sujeitos se inscrevem também mascara o surgimento possibilidades de tomada de posição ao produzir o efeito de evidência de que ela é óbvia e a única possível de existir. Quanto a isso, complementaremos nossa exposição com a seção a seguir.

2.2 PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA NA PÓS-MODERNIDADE

Desde o começo do Capítulo 2, temos insistido em enfatizar que, para a AD, o indivíduo é constituído em sujeito na trama do discurso.

[...] o sujeito não está dado, nem tampouco nasce ou se desenvolve, mas é construído. E para explicar o modo pelo qual o sujeito se constrói, é preciso trazê-lo para o campo do qual ele é efeito, isto é, o campo da linguagem. Para tratar do *sujeito*, é preciso puxar também os fios da *linguagem* e da *ideologia*, que se encontram imbricados na mesma urdidura (Ferreira, 2010, p. 22, grifos da autora).

Considerando que a língua precisa estar inscrita na história, em uma Formação Ideológica, para significar, e que o indivíduo, para ser interpelado em sujeito, também faz parte dessa inscrição, temos que os processos de identificação dos sujeitos são permeados pela língua, ou melhor, pelo discurso.

Não se pode dizer senão afetado pelo simbólico. Isso significa que quando nós aprendemos a falar, nos identificamos a uma determinada Formação Discursiva, bem como a uma formação social a partir da qual nos reconhecemos. Desse modo, é que nos submetemos à língua, nos assujeitamos a ela e subjetivamos-nos a partir de determinados discursos (Gaelzer, 2014, p. 70).

Temos, então, que os processos de constituição identitária dos indivíduos em sujeitos não são estáveis, porque tanto as fronteiras das Formações Ideológicas, quanto das Formações Discursivas são pontilhadas, não fechadas, e possibilitam um

“passeio” dos indivíduos por elas, transformando-se em sujeitos quando, por alguma(s) dela(s), são interpelados e identificados.

Retomamos essas definições com o objetivo de justificar nossa escolha, neste trabalho, de analisar os recortes de nosso corpus pelo viés da Análise do Discurso francesa, calcada nos pressupostos de Michel Pêcheux, em conjunto com os estudos relacionados à constituição identitária dos sujeitos, no que diz respeito aos aspectos nacionais/culturais levantados por Stuart Hall. Veremos, na sequência, que este se aproxima muito daquele devido ao fato de as fontes teóricas que ambos beberam para formular seus estudos serem, em grande parte, coincidentes. Esclarecemos.

Para mapear as mudanças conceituais do sujeito moderno, que se difere da concepção racionalista e autossuficiente do sujeito do Iluminismo, Stuart Hall (1996; 2005) faz um apanhado sobre as tradições do pensamento de Karl Marx, a descoberta do inconsciente por Sigmund Freud e os estudos decorrentes de Lacan sobre a “formação do eu no “olhar” do Outro”, os trabalhos linguísticos estruturais de Ferdinand de Saussure, a genealogia do sujeito moderno proposta por Michel Foucault, e as oposições causadas pelos novos movimentos sociais, como o feminismo.

Pêcheux, como já vimos na seção 2.1.1 deste capítulo, propõe a articulação entre o materialismo histórico, a linguística, a teoria do discurso e a teoria da subjetividade de natureza psicanalítica, operando deslocamentos em vários de seus conceitos.

Percebemos, portanto, que é compreensível considerarmos as duas teorias supracitadas de forma conjunta em nossas análises, principalmente porque, apesar das diferenças, as duas têm pontos de convergência, no sentido que a AD traz contribuições no que diz respeito aos processos discursivos, e os estudos identitários, no que se refere aos estudos da hibridação cultural/nacional na pós-modernidade.

A discussão sobre os processos de constituição identitária dos sujeitos tem levado muitos a pensarem em uma “crise de identidade”. Segundo Hall (2005, p. 67) a globalização é “complexo de processos e forças de mudança [que] está tão poderosamente deslocando as identidades culturais, agora, no fim do século XX”.

Estamos passando por um momento de descentralização, ou seja, antes, pensava-se que havia somente um centro de referência, por meio do qual as sociedades se identificavam. Com o encontro entre as diferentes sociedades, permitido pela globalização, esses núcleos foram “dissolvidos” e, hoje, estamos diante

da pluralidade de centros, que mesmo a quilômetros de distância estão mais próximos do que imaginamos.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” [...] estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987) (Hall, 2005, p. 12-13).

Pensando nisso, temos que a constituição da identidade é um processo, algo contínuo, não finito. “[...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, devíamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento (Hall, 2005, p. 39, grifo do autor).

O fato de o sujeito, nessa concepção, também ser dotado de inconsciente nos remete ao esquecimento n. 1, citado por Pêcheux, pois permite a compreensão de que

[...] ele [o sujeito] vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida e “resolvida”, ou unificada, como resultado da fantasia de si mesmo [...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento (Hall, 2005, p. 38-39).

Apesar de os indivíduos terem a ilusão de que são livres para ir e vir e para serem interpelados pelas FDs por eles “escolhidas”, é justamente a ideologia que mascara esse processo. Em uma formação social dada, as FIs e respectivas FDs é que interpelam os indivíduos em sujeitos.

Ou seja, voltamos a falar em formações imaginárias, que funcionam como normas reguladoras que capturam os indivíduos por aquilo que já está posto nas formações discursivas, tornando-os sujeitos, diferentes de outros, capturados por outras FDs.

É nessa relação com o “Outro” onde há uma marcação de diferenças: eu sou o que o outro não é, e vice-versa (Woodward in Silva, 2014). Ou seja, o alemão é o que o brasileiro (ou outra nacionalidade) não é. Como representações imaginárias dos

sujeitos alemães, temos: “o alemão é pontual, trabalhador e honra com seus valores e princípios passados de geração em geração”. Se um sujeito não se identificar com pelo menos uma dessas “características”, já pode ser considerado como não alemão.

Diante disso, a grande questão que surge é: por que, mesmo pós-Globalização, ainda nos deparamos com a necessidade de se manter a reunião em comunidades, como é o caso das colônias alemãs que ainda se mantêm vivas no Paraná, por exemplo?

Ora, essa união de pessoas que tiveram os mesmos pontos de partida (Alemanha) e destino (Brasil) não se apresenta como uma questão de “lugar”, mas, sim, de identificação, de “espaço”.

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes da identidade cultural. [...] na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*. [...] Segue-se que a nação não é apenas entidade política mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*. [...] Uma nação é uma comunidade simbólica [...] (Hall, 2005, p. 48-49, grifos do autor).

Sendo assim, quando estamos diante de diferentes nações, na realidade, estamos diante de diferentes representações acerca delas, as quais, contadas (repetidamente) por meio de narrativas, têm como objetivo a exaltação de seus momentos históricos, origens e tradições, além da valorização da suposta pureza de seu povo.

Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (Hall, 2005, p. 50-51, grifo do autor).

Além disso, as noções de espaço e tempo são simbólicas nos processos de constituição identitária, pois estes “[...] têm aquilo que Edward Said chama de suas ‘geografias imaginárias’ (Said, 1990): suas ‘paisagens’ características, seu senso de ‘lugar’, de ‘casa/lar’, ou *heimat*, bem como suas localizações no tempo – nas tradições inventadas que ligam passado e presente [...]” (Hall, 2005, p. 72).

A oposição entre local X espaço a que nos referimos anteriormente seria no sentido de marcar que os deslocamentos produzidos na concepção do sujeito pós-

Globalização também não se encaixam mais nos limites impostos pelas questões territoriais. A questão do espaço, então, é o que predomina, “[...] ao reforçar relações entre outros que estão ‘ausentes’, distantes (em termos de local), de qualquer interação face-a-face” (Giddens apud Hall, 2005, p. 72). Nesse aspecto, podemos compreender, pois, a adoção, na Alemanha, do critério *jus sanguinis*, quando o filho tem a mesma herança genética – o sangue – dos pais. “Quem nasce como filho de pais alemães não precisa se preocupar com a nacionalidade – a cidadania alemã é atribuída automaticamente através da ascendência” (Arbutina, 2009, [s. p.]).

Além disso, há o critério *jus solis*, quando o local do nascimento do sujeito é que determina sua nacionalidade (Gaelzer, 2014), como é o caso do Brasil:

CAPÍTULO III DA NACIONALIDADE

Art. 12. São brasileiros:

I – natos:

- a) os nascidos na República Federativa do Brasil, ainda que de pais estrangeiros, desde que estes não estejam a serviço de seu país;
- b) os nascidos no estrangeiro, de pai brasileiro ou mãe brasileira, desde que qualquer deles esteja a serviço da República Federativa do Brasil;
- c) os nascidos no estrangeiro de pai brasileiro ou de mãe brasileira, desde que sejam registrados em repartição brasileira competente ou venham a residir na República Federativa do Brasil e optem, em qualquer tempo, depois de atingida a maioridade, pela nacionalidade brasileira (Redação dada pela Emenda Constitucional n. 54, de 2007) (Brasil, 1988).

Outro paralelo em que podemos traçar é a concepção empírica de Estado e Nação, que vigorava na Europa central, no século XVII, e que, de acordo com os estudos apresentados por Gaelzer na obra *Construções imaginárias e memória discursiva de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul* (2014), faz parte do imaginário trazido pelos migrantes alemães.

[...] há também uma identificação “não-contratual”, algo que é coletivo e passa a ideia de pertencimento a um grupo. Esses elementos de unidade podem passar pela religião, cultura, raça, sangue e eles pressupõem uma ideia de coletividade, baseada em uma história comum. Essa história comum está relacionada com a ideia de Nação, a qual os imigrantes alemães se identificam.

Gaelzer (2014, p. 220-221) completa, citando Gertz (1994, p. 15-16): “Em suma, podemos postular que “a ‘cidadania’ corresponde ao pertencimento ou ao vínculo de um indivíduo com Estado e ‘nacionalidade’ corresponde ao vínculo com

uma Nação”, sendo que esta é uma concepção ligada ao emocional, enquanto aquela, ao racional.

Se pensarmos na importância da relação língua-constituição identitária dos sujeitos, fica mais fácil percebermos o porquê de muitos estrangeiros, na época da proibição da prática de outros idiomas na era Vargas, resistirem ao uso do português como língua nacional. Ora, o alemão, língua materna de muitos desses indivíduos, era do que um elemento de sua identidade, que possibilitava seu reconhecimento enquanto sujeitos alemães ou brasileiro-alemães, no caso dos descendentes de migrantes. Impor que essas pessoas deixassem de usá-lo seria, diretamente, exigir que passassem por alterações em seus processos de identificação.

Além disso, o nacionalismo alemão tinha forte tendência a se valorizar a língua e demais elementos da cultura alemã, principalmente se levarmos em consideração a ligação desses aspectos com as emoções e sentimentos. Porém, havia, também, o projeto de se fazer perpetuar esses aspectos da cultura germânica ao redor do mundo, de modo a se buscar uma padronização e, conseqüentemente, dominação.

A mesma relação podemos fazer com a política nacionalista da era Vargas. A imposição do português como língua oficial aparentemente tinha como objetivo a valorização das particularidades brasileiras, buscando sua ampla divulgação em território nacional, principalmente nas comunidades em que viviam os estrangeiros em geral e seus descendentes. Porém, reconhecemos que essas lutas de interesses entre os âmbitos particular e universal são, antes de tudo, permeadas por questões de controle político. Essa “padronização”, então, seria uma tentativa de assegurar que as relações entre os sujeitos brasileiros fossem sempre “iguais” (todos falando a “mesma língua”) e estivessem sob controle e domínio do Estado. “Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade” (Hall, 2005, p. 65). Em outras palavras, “as *memórias* do passado; o *desejo* por viver em conjunto [e] a perpetuação ‘comunidade imaginada’” (Hall, 2005, p. 58, grifos do autor).

Esse ponto de vista acerca da costura das diferenças em uma identidade ganha relevância se considerarmos esse fato a partir da perspectiva da hibridação cultural. Pelo que temos apresentado até então, a indefinição de fronteiras entre formações ideológicas, formações discursivas e posições-sujeito permite que tais

noções se entrecruzem e convivam tanto pelas semelhanças quanto pelas diferenças, hibridizando-se.

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado” ou “muito pouco” – uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao “jogo” da *diférence*. Ela obedece à lógica do mais que um, E uma vez que, como num processo, a identificação opera por meio da *diférence*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui (Hall, 1996 in Silva, 2014, p. 106, grifos do autor).

Em suma, a questão central que nos colocamos, neste trabalho, é: como se dão os processos de interpelação às nacionalidades?

Como temos afirmado desde o início deste capítulo, o processo de interpelação é situado na relação língua-discurso-ideologia. O indivíduo é interpelado em sujeito a partir de sua identificação a uma Formação Discursiva, que, por sua vez, é a materialização da ideologia, entendida “[...] como produtora de evidências, imaginário que relaciona o sujeito a suas condições materiais de existência” (Orlandi, 2012, p. 213)

“Não podemos, por outro lado, pensar a teoria da interpelação sem referir à ideologia dominante. Tratamos assim da relação língua-discurso-ideologia na implicação de uma região histórica particular que define essa relação” (Orlandi, 2012, p. 213).

Devemos nos lembrar de que, se temos uma ideologia dominante, há outras secundárias, e todas são constitutivas dos processos discursivos, por isso, a presença do “outro” é possível. Ou seja, a identidade e a diferença – ou a univocidade e o equívoco, conforme Orlandi (2012) – são condições do funcionamento discursivo.

É por isso, então, que, quando pensamos nos processos de constituição das identificações nacionais, temos os pontos de resistência, de tensão entre as formações ideológicas. Por exemplo, quando alguém diz “sou alemão, pois sou pontual, assim como todos os alemães são”, essa ilusão deriva da Formação Ideológica do Nacionalismo Alemão, em oposição à Formação Ideológica do Jeitinho Brasileiro.

Os modos como sujeitos alemães, brasileiros ou descendentes de alemães em território brasileiro identificam-se com o o seu alemão ou o ser brasileiro ou, ainda,

no entremeio dessas duas modalidades, reveste-se de caráter que é de ordem subjetiva, mas, sobretudo, histórico e político, pois tem a ver, nos termos de Orlandi (2012, p. 217), com

uma determinação ontológica de uma totalidade das condições sociais e é nela e a partir delas que a subjetividade é historicamente formada e mudada. Eu lembraria aqui o que afirmo sobre a individuação do sujeito pelo Estado, em que coloco que a relação do indivíduo com a sociedade é uma relação política.

Considerando que a “interpelação e o seu papel têm uma forma histórica particular em uma ou outra conjuntura histórica” (Orlandi, 2012, p. 214), é nessa dicotomia de condições de produção que se configuram os equívocos. se pensarmos nas representações acerca do povo alemão nos períodos pré e pós-Guerras Mundiais, tivemos transformações em suas formas de interpelação, pois as condições de produção também se transformaram. “A segunda guerra mundial pode ser vista como um conflito que se resolve pela dominação do lado americano que triunfa no capitalismo” (Orlandi, 2012, p. 215), logo, é a Formação Ideológica Americana que passa a ser dominante em relação às outras com que coexiste.

Ao término da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha saiu mergulhada em grande crise econômica; depois, na Segunda Guerra, em um primeiro momento se destacou pelo forte armamento, mas, no final, novamente foi derrotada. Essa instabilidade foi agravada pela violenta atuação alemã (cujo líder era o nazista Adolf Hitler) nesse último conflito. Assim, a Formação Ideológica do Nacionalismo Alemão, bem como a interpelação dos sujeitos por ela se tornaram um tabu, e isso é perceptível quando pensamos na situação dos migrantes alemães.

Estes, quando chegaram ao Sul do Brasil, tinham como ideologia dominante a do Nacionalismo Alemão. Porém, em condições de produção diferentes (FI do Jeitinho Brasileiro), a Posição-Sujeito Alemão torna-se a “Outra”, em oposição à Posição-Sujeito Brasileiro, dominante. Colocando-se, então, duas discursividades em relação, temos o que Orlandi (2012, p. 219) denomina humilhação, prática social em que se confrontam o que domina e o que, em contrapartida, justamente pela dominância, deve ser excluído nas relações da formação social.

Essa relação entre alienação e humilhação é de caráter generalizante e, para isso, retomamos o que Pêcheux (2014, p. 146) afirmou ser a “norma identificadora: ‘um soldado francês não recua’, significa, portanto, ‘se você é um *verdadeiro* soldado

francês, o que, de fato, você é, então você não *pode/deve* recuar”. Essa premissa de que “todo soldado francês não recua” é fornecida pelo funcionamento da ideologia, que evidencia que “todo mundo sabe o que é um soldado” (e um alemão, um brasileiro, etc.), “evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados” (Pêcheux, 2014, p. 146).

Pela norma identificadora de que “todos os brasileiros devem falar português”, por exemplo, é que se justifica¹¹ a imposição do português como língua oficial de todos os cidadãos residentes no Brasil de acordo com o estabelecido pelo Decreto-Lei n. 1.545 (Brasil, 1939), além das práticas de humilhação, como “alemoa burra¹²”, “os alemães são burros porque não falam português”, etc. Essas questões serão mais aprofundadas nas análises, no capítulo 4.

Queremos destacar que os processos de interpelação às nacionalidades configuram-se em espaços de resistência. No entremeio da tensão entre a Posição-Sujeito Brasileira e Posição-Sujeito Alemã emerge a heterogeneidade: a Posição-Sujeito Brasileiro-Alemão, com a qual os sujeitos ora se identificam ora se diferenciam, tornando-se, por vezes, estranhos a si mesmos.

¹¹ Justifica-se em partes, pois, como veremos adiante, a imposição de uma língua nacional trata-se de um jogo político de dominação.

¹² Expressão retirada do corpus e que aparecerá nas análises.

3 DA DETERMINAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO NOS EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO

A Análise de Discurso distancia-se da dicotomia língua-fala, proposta por Ferdinand de Saussure, justamente por considerar o *discurso*, seu foco de atenção, como efeito de sentido entre interlocutores (Pêcheux, 2010). Isso pressupõe que as condições de produção de um discurso, que podem ser divididas em históricas e imediatas, são determinantes para a formulação desse efeito de sentido. Mesmo sabendo que ambas “em toda situação de linguagem [...] funcionam conjuntamente” (Orlandi, 2010, p. 15), neste capítulo, adotamos essa subdivisão entre “histórico” e “imediato” com o propósito de facilitar a compreensão das condições que envolvem a produção dos discursos de nosso corpus.

Em primeiro lugar, veremos os acontecimentos que contemplam a migração alemã para o Brasil. Depois, na segunda seção, abordaremos as condições imediatas de produção, que condizem com o momento de produção de fatos e realização desta pesquisa. Desse modo, podemos pensar na configuração desde capítulo como um funil, cuja base, mais ampla, refere-se às condições históricas de produção da migração alemã para o Brasil (motivações, trajeto de vinda, chegada, instalação em colônias, vida cotidiana com a passagem do tempo), o meio, refere-se à atual situação da Alemanha e sua relação com o Brasil, e o fim, que consiste na explanação dos objetivos que motivaram a realização desta pesquisa, do momento de produção dos relatos memorialísticos, bem como da relação da pesquisadora deste trabalho com o tema escolhido para análise.

3.1 CONDIÇÕES HISTÓRICAS DE PRODUÇÃO: A MIGRAÇÃO ALEMÃ PARA O SUL DO BRASIL

Considerando o corpus de análise deste trabalho, composto por relatos memorialísticos de sujeitos migrantes alemães e/ou seus descendentes, o contexto sócio-histórico que merece nossa atenção começa no momento que desencadeou nas migrações de estrangeiros para o Brasil a partir do século XIX.

O Brasil foi um dos países receptores dos milhões de europeus e asiáticos que vieram para as Américas em busca de oportunidade de trabalho e ascensão social. [...] O período 1887-1914 concentrou o maior número, com

a cifra aproximada de 2,74 milhões, cerca de 72% do total. Essa concentração se explica, entre outros fatores, pela forte demanda de força de trabalho para a lavoura de café, naqueles anos. A Primeira Guerra Mundial reduziu muito o fluxo de migrantes, mas após o fim do conflito (1918) constatamos uma nova corrente imigratória que se prolonga até 1930. A partir de 1930, a crise mundial iniciada em 1929 e as mudanças políticas no Brasil e na Europa fizeram com que o ingresso de migrantes como força de trabalho deixasse de ser significativo (Fausto, 2002, p. 275-276).

A variedade de nacionalidades dos migrantes que vieram ao Brasil foi grande. Os mais numerosos eram os italianos, mas também vieram portugueses, espanhóis, sírio-libaneses, japoneses e alemães, cuja imigração merece nosso destaque.

Muitas famílias vieram para o Continente Americano ávidas por uma vida melhor, pois, quando ainda estavam na Europa, frequentemente eram alvo de propagandas de agentes que prometiam terras férteis e vida abastada no “Novo Mundo”.

No Brasil do século XIX, a política de imigração visava a atrair estrangeiros para povoar e colonizar os vazios demográficos, o que permitiria a posse do território e a produção de riquezas. O migrante desejado era o agricultor, colono e artesão que aceitasse viver em colônias [...] Em 1808 foi promulgada a lei que permitia aos estrangeiros a propriedade de terras no Brasil. O governo imperial subvencionava a formação de núcleos coloniais de agricultores em suas terras devolutas e em sistema de pequena propriedade, *como foi o caso dos alemães no Sul e Sudeste* (Oliveira, 2002, p. 13-14, grifo nosso).

As viagens marítimas foram longas e difíceis. Muitos morreram a bordo, provavelmente devido às condições precárias de saúde e alimentação. Segundo o relato de um migrante alemão que passou por esses momentos, “[...] quase todos os dias ocorriam uma ou duas mortes. É fácil imaginar que tais fatos deixavam todos deprimidos e tristes. As pessoas, porém, se conformavam com a fatalidade [...]” (Strobel, 1987, p. 25).

Assim que chegaram ao Brasil, a maioria dos alemães desembarcou nos portos dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Esperançosos, os migrantes se assustaram, porque as novas terras ainda eram cobertas de mata virgem e fechada, sem condições de já iniciarem seus plantios. Muitos, inclusive, pensaram em voltar.

Todos estavam dispostos a retornar à Europa. Fácil dizer, mas difícil realizar. Naquele tempo o governo brasileiro não custeava as despesas de transporte. Todo emigrante arcava com todas as despesas da viagem e o preço para

aquela época era bastante elevado. Por adulto custava 80 taler¹³, e para menores de 10 anos, 40 taler. A maioria dos emigrantes¹⁴ chegou com reduzida soma em dinheiro, e também não havia alguém que se dispusesse a adiantar algum dinheiro. *O lema portanto passou a ser: viver como puder, para não perecer* (Strobel, 1987, p. 30-31, grifo nosso).

Interessante, nesse caso, é destacarmos o lema “viver como puder, para não perecer”. Apesar de terem recebido propostas tentadoras para virem ao Brasil, os migrantes, ao contrário, depararam-se com condições de vida muito diferentes do que imaginavam e esperavam. Mesmo assim os migrantes insistiram na permanência em terras brasileiras e, por questões de sobrevivência, “aceitaram”¹⁵ a nova forma de vida, principalmente se considerarmos o escasso capital financeiro que os impedia de retornar à Alemanha.

Assim que receberam a quantidade de terra prometida, os alemães passaram a se organizar isoladamente, em pequenas propriedades, conforme descreve Giralda Seyferth (1974, p. 29):

Os migrantes alemães, que entraram nas Províncias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul durante o século XIX, se localizaram nas áreas de florestas, entre o litoral e o planalto, longe das regiões das grandes propriedades luso-brasileiras empenhadas na criação de gado. Estes migrantes, portanto, ficaram separados dos luso-brasileiros e suas atividades não afetaram em nada as áreas latifundiárias. As regiões colonizadas por alemães se caracterizaram principalmente pelo regime de pequenas propriedades policultoras e pelo fato de permanecerem relativamente isoladas, gozando de uma certa autonomia e realizando um comércio em pequena escala, não especializado, dominados por alguns comerciantes proprietários de pequenas lojas nos principais centros coloniais.

No Brasil, os alemães¹⁶ organizaram-se em colônias, como a de São Leopoldo e Nova Petrópolis (vide a SDR17), no Rio Grande do Sul, Dona Francisca e São Paulo de Blumenau, que, respectivamente, deram origem às cidades de Joinville e Blumenau, em Santa Catarina. No Paraná, temos a Colônia Witmarsum, em Palmeira, e a Colônia de Entre Rios, situada em Guarapuava, que, inclusive, é onde mora, desde 1978, uma de nossas entrevistadas (vide a SDR13), é um bom exemplo

¹³ Moeda vigente na Alemanha na época em que a família de Gustav Herman Strobel veio ao Brasil (1854). Hoje, 1 *taler* seria equivalente a cerca de 5 euros (Deutsches Münzenforum, 2016).

¹⁴ Aqui, mantivemos a grafia da obra citada: “emigrantes”. No restante, optamos pelo uso de “migrante”, nomenclatura recomendada pela ACNUR, conforme mencionado na Introdução.

¹⁵ Assim como na Introdução, colocamos entre aspas o termo “aceitaram” por considerarmos que se trata de uma aceitação relativa, tendo em vista que a situação em que se encontravam os migrantes foi imposta por fatores externos às suas capacidades de tomar decisões.

¹⁶ E, também, migrantes de outras nacionalidades, que não nos interessam neste momento

para que possamos compreender melhor as peculiaridades das comunidades típicas alemãs. Em 1944, após diversos conflitos na Segunda Guerra Mundial, os Suábios do Danúbio¹⁷ tiveram que sair de seus lares em busca de melhores condições de vida, longe da Europa, continente no qual já haviam migrado anteriormente. “Uma comissão, liderada pelo engenheiro agrônomo Michael Moor, encontrou em terras paranaenses a nova pátria [...]” (Agrária, 2016, [s. p.]). Entre as condições oferecidas pelo governo paranaense para a instalação das colônias alemãs na região de Guarapuava, estavam:

Trabalhos de medição e loteamento da área a ser colonizada, às expensas da secretaria do estado.

Construção da estrada de comunicação entre Guarapuava e a nova colônia.

Transporte dos colonos e seus pertences desde o porto até a área a ser ocupada.

Mediação de professores brasileiros conhecedores da língua alemã e de um médico.

Fornecimento de sementes e mudas.

Acomodação, por tempo limitado, do grupo pioneiro, na cidadezinha de Guarapuava.

Fornecimento de 100 porcos de criação, inclusive 50 varões, 50 vacas holandesas e dois touros, bem como 1.000 ovos de galinhas de raça para chocar (Elfes, 1971, p. 45-46).

De posse desses elementos, é possível entendermos características da Colônia de Entre Rios e, por consequência, de outras colônias alemãs em geral, que se estruturaram da mesma maneira.

Além dos fatores climáticos do Sul brasileiro, que eram muito semelhantes aos europeus, a questão do território a ser ocupado foi um importante ponto de escolha das regiões do Sul brasileiro, principalmente porque o desejo dos migrantes era o de continuar aplicando suas técnicas e experiências agrícolas, já experimentadas na Alemanha, aqui no Brasil. Por isso, também, o fornecimento de sementes e mudas. As famílias trabalhavam juntas para o próprio sustento, com exceção das crianças muito pequenas e de pessoas de mais idade. O tamanho dessas famílias, inclusive, era fator determinante da maior ou menor quantidade de produção agrícola. Membros de fora do ambiente domiciliar raramente eram incluídos nessa

¹⁷ “Suábios do Danúbio, em amplo significado da palavra, são os habitantes das regiões de colonização alemã ao longo do médio Danúbio aproximadamente de Ofenpest até Orsova, principalmente na grande região da planície, a qual apresentava suas fronteiras naturais no prolongamento dos Cárpatos ao Norte e ao Sudeste as áreas por ele percorridas” (Rüdiger, 1931 apud Stein, 2011, p. 49).

atividade, visto que os alemães procuraram manter as características do campesinato alemão.

Além dos quesitos relacionados ao trabalho, era essencial garantir a sobrevivência, mesmo que imediata, dos migrantes que estavam chegando ao Brasil. Isso justifica a necessidade do fornecimento de animais de criação, como porcos, bois e galinhas, bem como a presença de médico e a mediação de professores falantes do idioma alemão. Nesse sentido, foi criada, quase que concomitantemente ao surgimento da Colônia de Entre Rios, a Cooperativa Agrária, que, além de atuar no ramo agroindustrial, possui como objetivo, até hoje, a manutenção das tradições: “manter vivas as raízes de seus fundadores, atuando como curadora do idioma, história, costumes e tradições dos Suábios do Danúbio” (Agrária, 2016, [s. p.]).

A língua, como se vê, foi um ponto importante. O fato de as comunidades estarem mais afastadas dos centros urbanos e de priorizarem o trabalho familiar contribuiu para que o idioma alemão continuasse sendo utilizado e, até mesmo, ensinado, durante muito tempo, como língua materna nas escolas que eram construídas à medida que as colônias se estabeleciam em Entre Rios (Dalla Vecchia, 2013).

Essas escolas, é bom ressaltar, estavam diretamente relacionadas a outro elemento importante na vida dos migrantes, a religião.

A preocupação desses imigrantes era a preservação da cultura e da fé. Por isso, foram criadas escolas, não oficiais, para atenderem a necessidade de preservação de seus costumes e de sua doutrina. As crianças eram alfabetizadas e ensinadas através da leitura da Bíblia, em sua língua original, para manter os costumes e tradições (Marcondes, 2007, p. 5).

No entanto, assim que passaram a circular pelos diferentes espaços da nova sociedade em que viviam, os migrantes tiveram que enfrentar uma

[...] grande e primeira barreira [...] – a barreira da língua. O comportamento em relação à nova língua consegue definir os obstáculos, maiores ou menores, a serem enfrentados. O bilinguismo ou a competição entre a língua de origem e a nova definem a construção da identidade do migrante como um novo brasileiro ou como um estrangeiro que vive e trabalha na nova terra (Oliveira, 2002, p. 12)

Anos mais tarde, a questão linguística e o consequente isolamento dos alemães foram muito criticados e alvos da política nacionalista de 1930. “[...] Silvio Romero foi um dos intelectuais que, no início do século XX, criticou o Império por ter

criado colônias isoladas, permitindo a formação de ‘quistos sociais’, e falou do ‘perigo alemão’” (Oliveira, 2002, p. 14). Isso porque o desenvolvimento das colônias alemãs foi muito notável. Conforme afirmamos anteriormente, a economia dessas comunidades era baseada na pequena propriedade familiar, e esse convívio diário entre pais, filhos e netos era permeado fortemente por práticas que já eram tradicionais na Alemanha, como a solidariedade entre famílias e vizinhos no trabalho em equipe, o cultivo agrícola e a criação de animais de pequeno porte, como porcos e aves – tudo isso tendo o idioma alemão como pano de fundo (Seyferth, 1990).

É interessante pensarmos nisso como uma contradição: por que algo que teve um desenvolvimento notável também foi considerado um “quisto social”? Ora, o fato de tais colônias optarem pela manutenção do idioma alemão como língua materna, mesmo distante da pátria mãe, a Alemanha, é um fator determinante nessa questão, pois, ao longo de grande parte da história germânica, a língua alemã foi sempre muito valorizada, sendo frequentemente associada à expressão de emoções em geral e de amor, principalmente, pela pátria. Porém, é a dimensão política que emerge e prevalece nesse aspecto, pois como temos afirmado, a linguagem é parte da relação do sujeito com o mundo:

Em um novo movimento em relação aos processos identitários e de subjetivação, é agora o Estado, com suas instituições e as relações materializadas pela formação social que lhe corresponde que individualiza a forma-sujeito histórica, produzindo diferentes efeitos nos processos de identificação, leia-se de individualização do sujeito na produção dos sentidos. Portanto o indivíduo, nesse passo, não é a unidade de origem mas o resultado de um processo, um constructo, referido pelo Estado. [...]
A questão da língua nacional é uma questão que faz parte de qualquer Estado. Ter um Estado soberano é poder representar na variedade concreta da língua, uma unidade imaginária que dá identidade aos sujeitos desse Estado [...] (Orlandi, 2016, p. 4-5).

A propaganda política nacionalista proposta por Getúlio Vargas, em 1939, com a desculpa de que seu objetivo maior era promover o (imaginário) sentimento de brasilidade, afirmava que o esse vínculo com a *Heimat* (pátria) deveria ser rompido. A dominação política, porém, é que estava nas bases dessa legislação.

No entanto, a manutenção das tradições alemãs contribuiu para que, em pouco tempo, igrejas, escolas, associações e clubes germânicos passassem a fazer parte do cenário brasileiro. O espírito de coletividade e a valorização da própria cultura eram evidentes entre os alemães:

Talvez mais importante do que o conceito de *razão*¹⁸, para a tradição alemã, seja o conceito de *Kultur* [...] uma noção que parece localizar-se no centro em torno do qual giram as identidades muito mais coletivas do que propriamente individuais. *Kultur* envolve sentimento de orgulho, de realização da própria essência do ser. O comportamento, a conduta individual só tem sentido se relacionada à coletividade [...] A identidade não é a identidade individual, mas a identidade do grupo, e a consciência, muito mais do que a consciência de si, é a consciência da nação (Campos, 2006, p. 33-34).

É nesse sentido, portanto, que os migrantes identificaram-se mais com a posição de estrangeiros em terras brasileiras do que com a de alemães em processo de nacionalização. A continuidade na prática de costumes e do uso da língua materna eram ferramentas determinantes para a manutenção do sentimento de pertença ao país de origem, principalmente porque a vinda para o Brasil

[...] significou um profundo rompimento com a vida anterior e deixou marcas naqueles que a empreenderam. O sofrimento pelo que estavam deixando e a ansiedade pelo que deveriam encontrar marcam os relatos daqueles que emigraram. Passam a viver a situação de ser estrangeiro [...] Muitos remontam no novo lar certas marcas trazidas da casa de origem: retratos de família, imagens religiosas, tapetes, objetos de decoração, tudo aquilo que possa fazer lembrar o lugar de origem.

[...]

O grau de contato com os que ficaram, através de cartas; a manutenção de laços originais pelo casamento, pelas práticas de se mandar buscar as noivas; e a criação/reforço de laços através de associações e clubes marcam os grupos de migrantes (Oliveira, 2002, p. 11-13).

Especialmente falando do uso e valorização da língua alemã, devemos remontar ao início do século XIX, quando um movimento de características nacionalistas e românticas começava a se destacar. “A glorificação do idioma germânico esteve inserida em um movimento que invadia a Alemanha, [...] que também cultuou a raça germânica numa perspectiva biológica, difundindo a noção de que seria missão dos alemães a perpetuação de sua língua e de seu sangue” (Campos, 2006, p. 30). Esse sentimento nacionalista e, em certa medida, romântico terá nossa atenção especial no capítulo 5, pois consiste em um domínio de memória recorrente nos depoimentos produzidos.

Antes de partirmos para as condições imediatas de produção dos discursos analisados nesta dissertação, acreditamos ser relevante citarmos a atuação

¹⁸ Reconhecemos que essa questão considera como verdade a concepção estática de identidade, mas se pensarmos que ela é relacionada ao Nacionalismo Alemão, que objetiva justamente uma padronização, ela faz bastante sentido.

germânica na Segunda Guerra Mundial e sua relação com a política nacionalista da Era Vargas.

A Alemanha, ao final da Primeira Guerra Mundial, saiu derrotada. Além disso, como consequências dessa perda, o país foi alvo das imposições do

[...] *Tratado de Versalhes*, de 1919, que estabelece paz entre os países vencedores e a Alemanha, impõe a esta condições duras, sobretudo no que se refere às reparações de guerra. [...] Deu-se, assim, início a uma fase em que os sucessivos governos alemães, com ampla sustentação da opinião pública, tentavam resistir aos pagamentos, pelas mais diferentes formas (Vigevani, 1986, p. 11).

Há quem diga que a Alemanha se sentiu humilhada pelas imposições do Tratado de Versalhes, e o Partido Social-Democrata, aproveitando-se desse enfraquecido momento da Alemanha, passou a perpetuar propagandas contrárias ao Tratado, que logo ganharam a opinião pública e insuflaram novamente o poder alemão. Assim, pouco tempo depois, em 1939, teve início a 2ª Guerra Mundial.

Marcada pelo nazismo e pela figura de Adolf Hitler, a 2ª Guerra é considerada a maior catástrofe humana. A ação da Alemanha, caracterizada por uma extrema violência, também trouxe consequências para os migrantes que viviam aqui, no Brasil, e já haviam deixado de ter contato com seu país de origem. O receio era de que os migrantes, ao continuarem usando seu idioma materno, bem como trabalhando em áreas diversas, estivessem sendo treinados sigilosamente e abrindo espaços para atuações nazistas em terras brasileiras.

Nesse sentido, uma das medidas do governo brasileiro foi o Decreto-Lei n. 1.545, de 25 de agosto de 1939, que dispunha sobre a “adaptação ao meio nacional dos brasileiros descendentes de estrangeiros” (Brasil, 1939):

Art. 1º Todos os órgãos públicos federais, estaduais e municipais, e as entidades paraestatais são obrigados, na esfera de sua competência e nos termos desta lei, a concorrer para a perfeita adaptação, ao meio nacional, dos brasileiros descendentes de estrangeiros. Essa adaptação far-se-á pelo ensino e pelo uso da língua nacional, pelo cultivo da história do Brasil, pela incorporação em associações de caráter patriótico e por todos os meios que possam contribuir para a formação de uma consciência comum.

É importante ressaltar que esse Decreto-Lei não teve como foco apenas os descendentes de alemães, mas, sim, os estrangeiros em geral que viviam no Brasil. No entanto, podemos considerar que o controle fora mais severo com os alemães,

principalmente pela ameaça de, em terras brasileiras, estarem sendo formados núcleos nazistas. No capítulo 4, nossas análises considerarão, a partir da noção de formações imaginárias, os relatos dos entrevistados acerca dessa questão.

3.2 CONDIÇÕES IMEDIATAS DE PRODUÇÃO: O AQUI E O AGORA DA PESQUISA

As condições imediatas de produção referem-se ao “aqui e agora”, ou seja, ao momento em que foram produzidos os discursos de migrantes e/ou descendentes de alemães residentes no Sul do Brasil, entre junho e julho de 2015. Apesar de todas as entrevistas terem sido realizadas em Curitiba/PR, nas residências dos entrevistados ou de seus familiares, acreditamos que é mais relevante considerarmos, nesse contexto imediato, a situação da Alemanha no mundo.

A República Federal da Alemanha tem como principais líderes a chanceler Angela Merkel e seu presidente, Joachim Gauck. Hoje, diferentemente do período durante e pós-Guerra, a Alemanha é considerada como uma das maiores potências mundiais e “é membro fundador da União Europeia formalmente criado com o Tratado de Maastricht, que entrou em vigor em 1 de novembro de 1993” (Representações, 2016a, [s. p.]).

Em 2015, a economia alemã cresceu significativamente, atingindo índices inéditos desde 2011. “Juros, inflação e desemprego baixos estimularam negócios e alavancaram o consumo interno, que foi a maior causa do desempenho do país, segundo analistas” (Deutsche Welle, 2016a, [s. p.]). Outro dado que aumentou foi a população, que, com a chegada de centenas de refugiados na Alemanha, passou de 81,2 milhões, em 2014, para 81,9 em 2015 (Deutsche Welle, 2016b, [s. p.]).

Um fato curioso, citado pelo Departamento Federal de Estatísticas (Destatis) em seu relatório anual sobre a economia, a sociedade e o meio-ambiente na Alemanha, diz respeito às migrações: “embora a contragosto para alguns, a Alemanha aparentemente se confirma como país de imigrantes. Desde o ano de 1985 chegam mais pessoas ao país do que o abandonam. A única exceção foi período 2008-2009” (Scholz, 2015, [s. p.])

Ou seja, houve uma mudança nas condições históricas de produção dos movimentos migratórios do mundo e, ao contrário da forte saída de sujeitos da Europa pelos motivos já citados, hoje, temos um movimento diferente, de entrada de

nacionalidades diferentes no continente europeu. Isso se justifica pela atual situação da Alemanha, bem como pelas políticas alemãs que beneficiam as migrações.

Devido a todos os acontecimentos passados que envolveram formas políticas radicais, atualmente, o nacionalismo, na Europa, é um tabu e sua superação

[...] através da integração dos países e dos seus interesses assegurou à Europa um período de paz, prosperidade e estabilidade sem precedentes, após séculos de conflitos sangrentos entre vizinhos. Por isso, a consumação da integração europeia é um dos nossos principais objetivos políticos (Representacoes, 2016b, [s. p.]

Também na contramão do que acontecia antigamente, no pós-Guerra, demonstrações nacionalistas hoje são bastante perigosas em países europeus, pois remetem a um passado violento, principalmente relacionado à 2ª Guerra Mundial. No entanto, como veremos em alguns relatos, por mais que percebamos algumas tentativas de apagamento dessa marca da história alemã, ele ainda aparece como rastros de memória, quando percebemos, mesmo que não mais tão escancaradamente, exaltações da língua alemã e da cultura em geral.

Enquadram-se também nas condições imediatas de produção desta pesquisa os motivos pelos quais ela foi (e está sendo) realizada. Diante de tantas representações imaginárias acerca das culturas brasileira e alemã, com as quais convivemos com mais intensidade no Sul do Brasil devido às migrações, os questionamentos que se fazem presentes são: o que é ser brasileiro? O que é ser alemão? Que culturas idealizadas são essas com que convivemos diariamente por meio de seu vocabulário, alimentação, valores e princípios? Por que estabelecemos como valores de verdade as formações imaginárias?

Esses questionamentos ficam ainda mais intensos quando elaborados por uma pessoa com ascendência germânica, pois, conforme afirmamos na Introdução, a pesquisadora se apresentou aos entrevistados como “igual”, no sentido de que sua identidade também é configurada pelas formações discursivas em questão. E reforçamos: não se trata de permitir que os vínculos afetivos carreguem de subjetividade os dados aqui apresentados, mas, sim, de analisar quais são os parâmetros dessas comparações e representações, no sentido de que os relatos memorialísticos possam situar a existência desses imaginários.

Por fim, destacamos nossa opção por denominar o momento de “coleta” dos relatos dos sujeitos como um momento de “produção” coletiva e justificamos essa

escolha: tendo em vista que as perguntas foram feitas no sentido de tabular uma conversa mais espontânea possível, temos ciência de que as intervenções realizadas pela pesquisadora podem ter gerado um direcionamento nas respostas dos entrevistados, principalmente se considerarmos as questões identitárias, ou seja, pesquisadora e entrevistados estão inscritos em formações discursivas similares.

4 ANÁLISE DAS DISCURSIVIDADES

Vimos, nos capítulos anteriores, que os processos de constituição das identidades nacionais são permeados por pré-construídos, os quais servem de parâmetro para comparações e generalizações.

Situando, portanto, tais imaginários em nossos relatos memorialísticos, neste capítulo, procedemos à análise dos recortes selecionados para esta pesquisa. Levando em consideração que os fatos são construções discursivas, temos o propósito de procurar compreender de que modo são construídos os imaginários acerca do “ser alemão” e “ser brasileiro”, bem como de seu entremeio, isto é, a Posição-Sujeito Brasileiro-Alemão em que se constituem os migrantes e/ou descendentes residentes no Sul do Brasil.

4.1 DA CONSTITUIÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE: METODOLOGIA E SELEÇÃO DE RECORTES

Ao contrário da maioria das áreas do conhecimento, para a Análise de Discurso o objetivo é, justamente, fugir da objetividade. Em outras palavras, e fazendo referência à metáfora da rede¹⁹, temos que, na AD, o pesquisador procura lançar fios para composição da tessitura discursiva.

Sendo assim, para composição do nosso corpus de pesquisa, partimos de algumas características das entrevistas não estruturadas, nas quais “[...] o entrevistador apoia-se em um ou vários temas e talvez em algumas perguntas iniciais, previstas antecipadamente, para improvisar em seguida suas outras perguntas [...]” (Laville; Dionne, 1999, p. 190), mas fomos além. Os tópicos a seguir nos serviram de mote para incitar os entrevistados a falarem, a resgatarem suas memórias.

- Ano e local de nascimento
- Vida familiar
- Vida escolar
- Práticas de uso da língua alemã

¹⁹ A referida metáfora está no início desta dissertação, na seção Epígrafe. A tradução a seguir é nossa: “Quem escreve tece. Texto provém do latim ‘textum’, que significa tecido. Com fios de palavras vamos dizendo, com fios de tempo vamos vivendo. Os textos são, como nós, tecidos que andam...”.

- Práticas de uso da língua portuguesa
- Sentimentos em relação ao “ser alemão”
- Sentimentos em relação ao “ser brasileiro”
- Práticas religiosas na Alemanha e no Brasil
- Práticas culturais na Alemanha e no Brasil

Consideramos, então, que nosso arquivo de pesquisa é composto por relatos memorialísticos, narrativas pessoais, obtidas por meio de conversas informais, que não tinham o propósito de esgotar as discursividades que eram apresentadas pelos sujeitos entrevistados.

Depois de produzido todo o corpus de pesquisa, operamos com a noção de recorte apresentada por Eni Orlandi (1984), segundo a qual devemos proceder com a seleção de elementos do discurso que significam e simbolizam historicamente. Em nosso caso, por exemplo, nossos recortes dependeram do que os relatos trouxeram em termos de noções de cultura, de imaginário de língua, de práticas religiosas, etc., sem esgotarmos, nas análises, todo o material que foi produzido. Ou seja, ao contrário de um trabalho estritamente focado nos aspectos estruturais de um discurso, quando lançamos mão dos recortes, preocupamo-nos em considerar os discursos relacionados às suas condições de produção, sejam históricas ou imediatas.

É importante destacarmos que, antes da produção dos depoimentos, fizemos uma caracterização prévia dos possíveis entrevistados, devido ao fato de termos estabelecido como relevante uma vivência mínima desses sujeitos (e/ou de seus pais e avós) na época da campanha nacionalista de Getúlio Vargas, em 1939. Sendo assim, selecionamos a faixa etária para acima de 60 anos. Em seguida, buscamos a participação voluntária dos sujeitos em um site de relacionamentos, com a seguinte chamada:

Oi, AMIGOS DESCENDENTES DE ALEMÃES! :D

Para desenvolver minha pesquisa de mestrado, preciso entrevistar imigrantes alemães e/ou seus descendentes que tenham mais de 60 anos e que residam no Paraná ou em Santa Catarina. Se seus pais, tios, avós, bisavós, etc. se enquadram nessas características, manifestem-se aqui, por favor, e eu entro em contato com vcs para dar mais detalhes e pegar mais informações.

Além de ser uma boa oportunidade para essas pessoas registrarem um pouquinho de suas histórias, vocês me ajudarão muuuuito! E eu serei eternamente grata! (Bernsdorf, 2015, [s. p.]).

Além disso, o mesmo texto foi veiculado em uma comunidade de outra rede social, formado pelos componentes do Grupo Folclore Germânico Alte Heimat, cuja sede fica em Curitiba/PR, no Clube Três Marias.

Depois da divulgação da pesquisa nas redes sociais, fizemos o primeiro contato com os entrevistados por telefone e, assim, fechamos nosso *quorum*. Foram coletados, portanto, nove depoimentos orais. Todos foram gravados e têm, em média, cada um, a duração de uma hora. Destacamos que todos os participantes foram informados sobre o objetivo da entrevista e autorizaram a gravação de suas falas e o uso das informações nelas contidas para fins acadêmicos, visando atingir aos objetivos específicos deste trabalho (vide Apêndice 1) e de pesquisas futuras de mesma autoria.

Os nove depoimentos foram transcritos para a linguagem escrita (vide exemplo no Apêndice 3). Como as questões estruturais da língua portuguesa (fonética, morfologia e sintaxe) não nos interessavam nesse momento, deixamos de lado esses aspectos. Por isso, a transcrição foi literal, contemplando, inclusive, interjeições, onomatopeias e outras eventuais interrupções.

A título de entendimento e com fins unicamente didáticos, criamos uma tabela (vide Apêndice 2) para inserir os dados mais relevantes na caracterização dos sujeitos entrevistados. Entre eles, destacamos que apenas dois dos nove entrevistados nasceram na Alemanha. Os outros são filhos de alemães, e apenas um deles é neto, ou seja, são 2^a e 3^a geração, respectivamente.

Quanto às orientações religiosas, temos cinco católicos, quatro luteranos e um menonita, sendo que todos fazem parte das mesmas religiões que seus pais, não significando, entretanto, que a pratiquem até hoje.

Por fim, a informação que julgamos mais surpreendente no perfil dos entrevistados é que, mesmo que a maior parte seja de nacionalidade brasileira, todos tiveram o idioma alemão como língua materna. No entanto, a maioria desenvolveu essa língua apenas nas competências de produção e compreensão oral, tendo em vista que, a partir do momento que passaram a frequentar escolas no Brasil, o português lhes foi apresentado como segunda língua. Assim, foram poucos os que, seja por ensino na escola ou em casa, com familiares, adquiriram a competência escrita da língua alemã. De todos os entrevistados, apenas um deles teve seu primeiro contato com a língua portuguesa com idade acima dos 13 anos, já na fase adulta.

Na seção 2.2.2 desta dissertação, ao apresentarmos a relação língua-discurso-ideologia, já adiantamos que, em nosso recorte, emergem as Formação Ideológica do Nacionalismo Alemão (FINA) e a Formação Ideológica do Jeitinho Brasileiro (FIJB). Ambas, dentro da FS Capitalista, funcionam confrontando-se e/ou aliando-se, de acordo com o que a Formação Social regula.

Respectivamente, a FINA e a FIJB materializam-se por meio da Formação Discursiva Alemã (FDA) e da Formação Discursiva Brasileira (FDB), as quais instauram, também respectivamente, a Posição-Sujeito Alemão (PSA) e a Posição-Sujeito Brasileiro (PSB).

Vimos, também, que devido à heterogeneidade constitutiva das FDs, os saberes de uma fazem-se presentes na outra por implicação, refutação, denegação, por isso, temos como norma identificadora “o alemão é o que o brasileiro não é, e vice-versa”. Sendo assim, ao considerarmos que os migrantes de alemães e/ou seus descendentes podem se colocar no entremeio das FDs citadas, consideramos que essa heterogeneidade instaura um terceiro processo de interpelação, a Posição-Sujeito Brasileiro-Alemão (PSBA).

Considerando as relações sociais como fatos que se configuram em processos discursivos e que, portanto, significam de acordo com a interpelação dos sujeitos às FDs e FIs, temos que as questões relacionadas às práticas das línguas alemã e portuguesa, aos valores e princípios familiares (nos quais podem entrar os aspectos ligados à religião, alimentação e festas, por exemplo) e aos domínios de memória são partícipes dos processos de constituição identitária das posições-sujeito que temos em mente.

Segundo Courtine (2014, 107-108), “Convém, para começar, determinar a escolha de uma sequência discursiva como ponto de referência, a partir do qual o conjunto dos elementos do corpus receberá sua organização: *sequência discursiva de referência* (sdr) (grifo do autor)”, as quais serão organizadas com base nas questões: (1) práticas das línguas alemã e portuguesa; (2) valores e princípios familiares; (3) sentimentos em relação ao “ser alemão” e “ser brasileiro”²⁰.

²⁰ Todas constituindo as representações acerca das posições-sujeito PSB, PSA e, conseqüentemente, PSBA.

4.2 ANÁLISE DAS DISCURSIVIDADES

A linguagem, por se constituir no modo de relacionamento do sujeito com o mundo, está diretamente relacionada às práticas sociais. É por meio dela, permeada pelo inconsciente, que nos identificamos às formações ideológicas e nos tornamos sujeitos, ou seja, construímos nossa identidade.

Nesse sentido, se pensarmos no processo de aprendizagem de outro idioma, temos que ele é, também, um processo identitário, no qual se configura a tensão entre a língua-uma, materna, e a língua-outra.

A primeira Sequência Discursiva de Referência (SDR) que trazemos é de uma entrevistada que nasceu na Alemanha, onde já cursava o 2º ano do primário, e que chegou ao Brasil com 8 anos. Ao ser questionada sobre como foi seu processo de aprendizagem da língua portuguesa, ela afirma que a professora, falante da língua-outra

SDR1: [...] não entendia o que eu falava e ficou naquilo. Lembro até o nome dela, era professora (M)²¹. Via que as minhas notas sempre eram boas, porque no primeiro ano a gente mais faz cópia e alguma continha, né, e isso eu sabia fazer, copiar e fazer, só não sabia estudar. Ela mandava ler, daí eu lia, lia e lia, mas não sabia o que lia. Mas não foi assim difícil, muito tempo pra mim aprender. [...] Mas depois que eu comecei a aprender, daí ela falava comigo também.

Como vemos, em um primeiro momento, instaurou-se o embate entre a língua-uma e a língua-outra. A conjunção adversativa “mas” em “eu lia, mas não sabia o que lia” marca a filiação em formações discursivas diferentes, o que impossibilitava a significação e o entendimento, apesar de a leitura ser possível.

Depois, a compreensão passou a ser possível no sentido de que as condições de produção eram convergentes. Mesmo assim, a marcação de outra posição-sujeito acontecia por meio do sotaque, que instaurava a diferença e, assim, era motivo de chacotas.

SDR2: Tiravam [sarro], por isso a gente não falava, ficava muda daí, né? Até aquele menino falar comigo, me falar que ele falava em alemão. Daí eu conversava com ele alguma coisa que eu queria saber como é que era, o que a professora falou, aí ele me dizia: “você tem que estudar essa página pra

²¹ Optamos por suprimir os nomes próprios citados nas entrevistas, pois, além de fazerem referência aos familiares dos sujeitos entrevistados, poderiam comprometer seu anonimato.

amanhã, você tem que ler isso aqui”. Aí eu tinha um amigo na primeira série, nos primeiros meses, né, depois já me enturmei.

O funcionamento do sotaque, nesse caso, configura-se como um rastro de memória da língua-uma na língua-outra. Isso marca a tensão entre a PSB e a PSA, a primeira sendo dominante e, por isso, provocando o silenciamento da segunda. A partícula “né”, inclusive, funciona no campo da afirmatividade, no sentido de que a entrevistada concorda com a necessidade de ficar muda na presença do outro dominante.

Porém, depois, vemos que o contato com um menino que também falava alemão foi de grande valia para que ela conseguisse se “enturmar”. Temos, então, que, pela via da amizade e da identificação com uma posição-sujeito que também compartilhava da língua-uma, o processo de identificação da entrevistada com a língua-outra foi possível. Por meio da entrevista, destacamos, não é possível saber qual a posição-sujeito do menino: se PSA, como a entrevistada, ou PSBA. No entanto, como temos afirmado, pelo fato de esta última se constituir pela heterogeneidade, a identificação é possível.

Nas duas primeiras SDR, vimos que, mesmo coexistindo pela via da heterogeneidade, o que marca a relação entre a FDA e FDB é a tensão. É por isso, então, que em situações de imposição de línguas como padrões nacionais há resistência, como houve em 1939. A língua portuguesa não era carregada de valor simbólico para os alemães se comparada à sua língua materna. Um exemplo disso é a SDR3:

SDR3: [...] quando a gente se casou, o nosso convite de casamento foi feito em português e alemão, e a cerimônia também...

Casaram na [igreja] luterana?

Sim, porque também os meus avós (ÊNFASE), a minha vó principalmente ela não entendia quase nada... assim, ela entendia (ÊNFASE), mas não... ela entendia, mas aquilo não falava pra ela, entende... como é? [...] até da (V) foi, né, porque ela tinha padrinhos da Alemanha (risos).

A entrevistada da SDR é a primeira geração de sua família que nasceu no Brasil. Seus pais vieram pequenos para o Brasil e, em casa, todos falavam alemão. Na SDR3, ela afirma que, mesmo que sua avó entendesse um pouco da língua portuguesa, o que realmente significaria para ela era a realização do casamento da neta em alemão, sua língua materna. Essa afirmação é corroborada pela conjunção

adversativa “mas”, no sentido de que, apesar de entender português, essa língua não significa para a avó (“aquilo não falava para ela”). O contingente de sentidos da língua-outra, o português, é referido pelo demonstrativo “aquilo”, resumindo o efeito de desconhecimento e de valoração menor em relação à língua-uma da entrevistada, o alemão, ou, ainda, fazendo uma referência ao desconhecido, ao que parecia ser difícil para ela.

Além disso, as partículas “entende... como é” pedem uma confirmação por parte de seu interlocutor, que deve concordar que a língua alemã (materna) é permeada pelo simbólico, e também reafirmam a posição da entrevistada, no campo dos domínios de saberes da FD em que ela se inscreve. Isto é, “o sentido não está na utilidade do que se aprende ou que se aprendeu, mas [...] em relação ao que eu sou como sujeito na história, na relação de sentido e de valor entre o sujeito e o saber” (Scherer, 2003, p. 121).

Observamos, ainda, que, embora o português não fizesse sentido, ele estava linearizado com o alemão. As duas línguas funcionavam lado a lado, produzindo sentidos de modos diferenciados: uma, pela legitimidade territorial e política, outra, pelas laços de pertencimento, pela memória, logo, pela filiação identitária. Esse jogo já traçava, nas raízes, a constituição da posição-sujeito híbrida.

Outro exemplo da relação entre linguagem e práticas sociais é o que segue:

SDR4: E ele [seu pai] relutou pra aprender português?

Não, ali ele viu que precisava pra manter, pra ter freguesia, não daí ele aprendeu bem, graças a Deus nesse ponto... agora minha mãe não, minha mãe... tinha vizinhos que eram conterrâneos, que falavam alemão bem, então ela tinha, ela tava em casa, né, e tinha vizinhos de todos os lados que falavam alemão, quando a gente veio pra cá, pra Marcelino, naquela época tinham muitos alemães [...]

A entrevistada da SDR4 é filha de pais alemães e teve irmãos que nasceram na Alemanha, mas ela nasceu no Brasil. Ela é de um ambiente em que coexistiam a língua alemã, utilizada no seio familiar, principalmente porque era a única forma de comunicação com a mãe, e a língua portuguesa, praticada nas relações sociais, na interação com a nacionalidade brasileira.

Essa coexistência de práticas de linguagem justifica-se pelo aspecto da sobrevivência, e o lema “viver como puder, para não perecer” (Strobel, 1987, p. 31), que citamos no capítulo 3, surge como domínio de memória para a produção do sentido. Por isso, a entrevistada utiliza o verbo “precisar”, produzindo o efeito de

sentido de que se tratava de uma condição: o pai só teria clientes se falasse a língua oficial deles, o português. A interjeição “graças a Deus” também agrega sentido, porque se configura em uma espécie de “alívio” ao considerar que o pai agiu de acordo com o esperado naquela situação. Em oposição ao pai, ela afirma que sua mãe não aprendeu português justamente porque o aspecto da necessidade foi menos relevante em relação aos aspectos simbólicos, ou seja, “ela tava em casa”, sentia-se acomodada por ter, a seu redor, conterrâneos com os quais podia conviver e interagir.

Em outro recorte da mesma entrevista, temos outra confirmação de que o uso da língua portuguesa se diferenciava da língua alemã por seu aspecto simbólico e que o uso daquela era mesmo restrito à necessidade. Ao narrar um episódio sobre a prisão de seu pai, ela justifica:

SDR5: Porque ele era alemão, e outra, porque era muito teimoso... meu pai era daqueles, nossa... aí o delegado chegou...delegado era nosso vizinho de casa, então se a mãe falava em alemão com nós eles batiam na parede, né... que não era pra falar alemão, mas minha mãe não sabia outra língua, então é uma vida assim com muito suspense, sempre com medo, né, é... daí o meu pai foi preso e daí o delegado perguntou pra ele o que que vinha... ele sabia que nós éramos brasileiros nascidos aqui no Brasil e ele perguntou pro pai “o que que vem em primeiro pro senhor, os seus filhos ou a sua pátria?” Aí o pai estufou o peito e disse alemão “Erst meine Heimat, und dann meinen Kindern”, quer dizer “primeiro a minha pátria e depois os meus filhos”, quer dizer... radical foi daí que ele... foi preso, né, ele poderia ter pensado um pouco na família dele e... né, mas não [...]

De início, a justificativa “porque ele era alemão” nos remete à oposição: o pai foi preso porque não era brasileiro. A partir disso, podemos retomar o que Orlandi (2012, p. 219) denomina *humilhação*, prática decorrente do confronto ocasionado pela presença de uma formação discursiva dominante em relação às outras, gerando a dicotomia entre o que domina e o que é dominado, devendo este último ser excluído das relações da formação social justamente por ser não dominante. Em outras palavras, o pai da entrevistada não se filiava à FDB dominante e era humilhado, ainda mais se pensarmos que “ser alemão”, à época, era “ser nazista”.

E a entrevistada continua: “porque era muito teimoso”, característica explicada pelo fato de seu pai enfrentar o delegado ao falar com ele em alemão, em vez de em português, que seria o esperado se lembrarmos da interdição das línguas estrangeiras. A isso, soma-se o peso de sua afirmação, que proferiu com orgulho, estufando o peito: “*Erst meine Heimat, und dann meinen Kindern*, quer dizer ‘primeiro a minha pátria, depois meus filhos’”. Ou seja, além de falar em alemão, sua expressão

foi de amor à Alemanha, que viria antes da família, do Brasil, da língua portuguesa e de si próprio, pois não se importou em ser preso. Além disso, sobre a questão de o pai teimar, reportamos ao pré-construído de que “todo alemão é teimoso”, o qual é recuperado pela entrevistada, configurando a absorção do discurso-outro no discurso-um (discurso dos brasileiros sobre os alemães).

Interessa-nos, ainda, trabalhar os sentidos produzidos pela adjetiva restritiva “que nós éramos brasileiros nascidos aqui no Brasil”, porque normalmente não se precisa enunciar que é “nascido aqui no Brasil” alguém classificado como “brasileiro”. Essa determinação recorta a propriedade de enquadrá-los como filhos de alemães e, portanto, com a nacionalidade alemã devido ao princípio sanguíneo (*jus sanguinis*, quando os pais determinam a nacionalidade de seus filhos), e não como brasileiros, de acordo com o que seria pelo princípio da territorialidade (*jus solis*, quando o local do nascimento do sujeito é que determina sua nacionalidade).

Como se vê, esses sujeitos deslocam-se no entremeio da FDB e da FDA, constituindo-se por meio da heterogeneidade, ora se identificando a uma, ora a outra. Vejamos a SDR6:

SDR6: Nós sempre conversamos em alemão. Papai nunca deixou ser... mandado, que nem no tempo da guerra que eles proibiam o alemão, ele disse: “dentro da minha casa eu falo o que eu quiser”²²

Nesse sentido, ressoa a distinção que fizemos, no capítulo 3, entre ser pertencente ao Estado ou fazer parte de uma Nação. No primeiro, o processo de identificação estaria ligado ao racional, enquanto que, no segundo, o vínculo seria emocional. Ora, se pensarmos que nessa dicotomia a distância física não importa, a Nação seria justamente os espaços em que o simbólico ainda permanece, como se houvesse um deslocamento da *Heimat* para o interior das casas e das relações sociais pertencentes à mesma FDA. Por isso a afirmação “dentro da minha casa eu falo o que eu quiser”. Já a identificação ao Estado seria composta pelos movimentos dentro da PSBA que, pela heterogeneidade, está no entremeio da PSB com a PSA, envolvida, também, por duas formações discursivas, a FDB e a FDA.

Ainda sobre o entremeio das formações discursivas em questão, é interessante pensarmos que mesmo em um espaço de tensão emerge o

²² A título de exemplificação de como se deu a produção dos relatos memorialísticos, o depoimento desta entrevistada consta na íntegra ao final deste trabalho, nos Apêndices (página 85).

reconhecimento do professor que ensinou português (portanto, pertencente à FD dominante – FDB) como figura importante para a formação dos sujeitos. Na SDR1, por exemplo, vimos que a entrevistada até hoje lembra-se do nome da primeira professora que teve no Brasil, com a qual passou a interagir depois de aprender a língua portuguesa. Na SDR7, temos:

SDR7: A nossa escola era muito boa, nós tivemos uma professora... muuuuito boa, que era... e ela tinha um ódio de alemão, pra completar (risos), mas... ela... se ela podia, ela me chamava de alemoa burra assim sabe, só pra... porque a única coisa que ela podia me fazer, né, porque a gente... nunca dei motivo pra ela me... me judiar, mas quando ela podia ela me chamava de alemoa burra, assim... na frente dos outro, sabe, [...] ela tinha ódio (ÊNFASE) dos alemães, mas como professora foi a melhor professora de Santa Catarina... eu acho que ela é viva ainda, (MEGF), tenho muito orgulho de ter sido aluna dela, sabe [...]

E mesmo ela te chamando de alemoa burra você tem orgulho de ter sido aluna dela...

Tenho. Tenho orgulho porque eu aprendi muito com ela, depois a gente ficou amigo, né, eu cresci, eu me dava muito com a mãe dela, eu sempre assim muita facilidade de ter amizade com pessoas idosas, por causa de trabalhos manuais, essas coisas, né, sempre gostei, então ela me ensinou bastante a mãe dela a dona (H)... ela era, eles eram de Joinville, então daí ela... sempre me convidada pra ir lá tomar um café, pra gente trocar ideia sobre trabalhos, assim, então aprendi muito com eles assim... ficou uma amizade boa assim... não valia a pena, vão brigar por causa de guerra, por causa de nacionalidades, né, se a gente convivia num lugarejo pequeno assim, né...

Na SDR7, chama-nos a atenção, de início, o vocativo “alemoa burra”. Podemos pensar que essa adjetivação era usada no sentido de classificar alguma dificuldade cognitiva da entrevistada, porém, ao final, quando a entrevistada afirma que “não valia a pena brigar por causa de guerra”, vemos que se tratava de uma prática de humilhação no sentido de diminuir a aluna por ter ascendência alemã e não se filiar à FDB. A isso somam-se as condições de produção desse discurso, porque, à época, “ser alemão” no Brasil, além de não fazer parte da FD dominante, significava “automaticamente” compactuar com o terror das práticas nazistas na Segunda Guerra Mundial. Por isso, portanto, o ódio “gratuito” da professora era uma forma de generalização, principalmente se considerarmos que a entrevistada é brasileira, pois nasceu em Santa Catarina, e na escola “não deu motivos para ser judiada”.

Em segundo lugar, podemos enfatizar o valor que a educação tem na memória do povo alemão como um elemento importante quando observamos o orgulho que a entrevistada sente até hoje da professora, tendo em vista que “aprendeu muito com ela”. Apesar de estar ciente do ódio que a professora sentia pelos alemães, a

entrevistada utiliza a conjunção adversativa “mas” para afirmar que “como professora foi a melhor professora de Santa Catarina”. Ou seja, ela reconhece que, ao exercer sua função de educadora, ela foi a melhor e eleva o peso de sua posição-sujeito professora em detrimento da posição-sujeito brasileira.²³

Quanto aos discursos que envolvem imaginários acerca dos princípios e valores que orientam a formação/educação dos sujeitos integrantes de uma família “típica” alemã, temos:

SDR8: Mas quando joga Brasil e Alemanha na Copa, para quem você torce? (risos)

Não, aí eu sigo a instrução do meu pai. Aonde que eu vivo? Brasil. No Brasil. Então eu devo torcer pelo Brasil, né. Se é Alemanha com qualquer outro clube, eu devo torcer pela Alemanha, né. Que papai tinha sempre esse ditado “torça daonde você come”, isso era um ditado dos meus pais. Por exemplo, tinha um futebol do Paraná contra o São Paulo, era pra torcer pro Paraná, não importasse qualquer clube que fosse. “Ah, mas sou torcedor do Coritiba”, né, mas é o Atlético que tá torcendo contra o São Paulo, então torça pro Atlético, não torça pro São Paulo, que cê tá comendo aqui no Paraná. Essas ideia era dos meus pais.

Esse lema de vida.

Lema era “torça daonde você come, não suje o prato que você tá comendo”, essa era a ideia sempre dos meus pais, sempre me orientaram dessa maneira, né?

O sujeito da SDR8 nasceu no Brasil e é filho de pai nascido na Alemanha e de mãe nascida na Tchecoslováquia. Conforme a legislação brasileira, quem nasce em nosso território é brasileiro. Pelo recorte que destacamos, temos um reconhecimento por parte do sujeito da importância de reconhecer o lugar onde vive, saber este representado no enunciado “o prato que você tá comendo”. No entanto, também percebemos a heterogeneidade: a identificação do sujeito com a PSBA, isso porque ele demonstra um respeito pelo local que lhe fornece alimento, numa espécie de reconhecer o favor que lhe é feito. Porém, se considerarmos que ele é, pela legislação, brasileiro, o que vem desta terra já lhe seria de direito. A contradição se instaura, portanto, pela heterogeneidade, que se configura em um efeito de duplo pertencimento: à FDB e à FDA.

Além disso, nesse jogo de entremeio, a posição-sujeito de filho, que honra os princípios passados pelo pai e que continua seguindo até hoje, também emerge e articula-se à PSBA, ambas apresentando significações diferentes para o entrevistado.

²³ Não descartamos, ainda, que a motivação para essa exaltação pode ser outra, no sentido de que ela valoriza a educação para, pela via do apagamento/silenciamento, dar menos ênfase aos domínios de memória da Segunda Guerra Mundial que compõem um imaginário negativo sobre o povo alemão.

Na mesma entrevista, o sujeito destaca a forte característica de sua formação como sujeito pontual e trabalhador. Vejamos a seguir:

SDR9: E de pontualidade também?

Ah, essa pontualidade... essa... essa é uma coisa muito complicada. Inclusive é... eu tinha uma época que eu gerenciava uma empresa e me chamavam de Caxias, e me chamaram de Hitler, porque eu chegava em cima... na hora, antes da hora, chegava com... com 20, 25 minutos antes... eu deixava tudo preparado, né, pra poder trabalhar. Então, os caras: "ah o Caxias ta aí já, o Hitler ta aí".

E falavam pra você mesmo, chamavam você de Hitler?

Chamavam mesmo!

E você?

Não, eu... pfff... tava pouco rasgando. Porque... o que que eu fiz... eu aprendi em casa que você tinha que cumprir teu horário, né...

Mais uma vez a contradição é estabelecida: na SDR8, o sujeito fez questão de enfatizar seu respeito pela terra que lhe “fornece” alimento, sendo que, na SDR9, ele mesmo afirma que trabalha muito e sempre pontualmente para conquistar e honrar esse alimento. Ora, nesse caso, percebemos o funcionamento material do interdiscurso: a memória se reconfigura, permanecendo como rastro significativo na rede de memórias. Em outras palavras, o discurso se repete, de pai para filho, mas as condições de produção mudam: o pai era realmente um estrangeiro no Brasil, enquanto o filho é um brasileiro que se coloca como estrangeiro na própria terra natal, configurando a PSBA.

Com a SDR9, podemos enfatizar o valor que o trabalho tem na memória do povo alemão como um elemento importante e que responde a um jogo de imagens: como ele é visto pelo sujeito brasileiro, ao ser associado a uma figura enérgica, como a de Hitler, e como é visto pelo sujeito alemão. As marcas linguísticas da afirmação, como em “pfff... tava pouco rasgando” e em “eu aprendi que você tinha que cumprir teu horário, né...”, reforçam as posição assumida e podem convidar o interlocutor a concordar com o “né”, no sentido de que é, sim, importante seguir o que foi ensinado em casa quanto ao cumprimento de horários. E, desse modo, participam do jogo das formações imaginárias.

Ainda sobre a representação dos sujeitos alemães como trabalhadores, temos a SDR10, que é de uma mulher, nascida na Alemanha e filha de pais alemães. Quando perguntada sobre suas opiniões acerca do imaginário popular de que o alemão é pontual e trabalhador, temos uma comparação, mesmo que implícita, dos sujeitos alemães, que, no ambiente de trabalho, apenas realizam as atividades

inerentes a esse espaço, com os sujeitos brasileiros, cujo local de trabalho seria mais descontraído, pois permite cafezinhos, conversas e risadas, principalmente porque sua cultura não dá daria valor à seriedade no trabalho quanto a cultura alemã dá. Trata-se de modos diferentes de encarar o mundo do trabalho, um que permite a descontração, aliada ao cumprimento das tarefas, e outro que segmenta essas duas instâncias.

SDR10: E que cumpre suas promessas, trabalhador.

É isso eu acho que é verdade, né, a maioria, né, não todos, né, mas a maioria sim. A (K) também diz... eles começam a trabalhar trabalham, não ficam assim... tomando cafezinho, ou conversando, dando risada, trabalha, né.

E isso é uma coisa de antes já, né?

Isso é uma coisa da cultura mesmo, né?

E você tem alguma teoria do porquê que é assim?

Não, isso sempre foi dado valor a isso.

Na SDR10, sobressai o valor discursivo da partícula “né” como campo de afirmatividade em relação aos discursos que circulam e concordam com o que ela enuncia. Isso porque, mesmo tendo nascido na Alemanha, ela mora no Brasil, local para onde trouxe a família e ao qual julga necessário respeitar; por isso, em vez de simplesmente afirmar, ela utiliza o “né” como recurso para que seu interlocutor confirme como verdade as representações imaginárias acerca dos alemães, em oposição aos outros que ficam “tomando cafezinho, ou conversando, dando risada”.

O sujeito da SDR11 é uma mulher, filha de pais alemães, mas que nasceu no Brasil, em São Paulo. Mais uma vez, considerando a legislação, trata-se de uma cidadã brasileira, mas, para a classificação de cidadãos alemães, que se dá pelo vínculo sanguíneo, e não pelo local de nascimento, ela seria cidadã alemã. Quando questionada sobre os imaginários que circulam acerca dos alemães, no que se refere à pontualidade e ao cumprimento da palavra, ela afirma:

SDR11: E por que será os alemães são assim? Todos que eu entrevistei até agora citaram essa coisa de que cumpre com a sua palavra, com a questão financeira e que é pontual... você tem alguma teoria sobre isso?

É, eu acho que isso é uma coisa que se formou através de toda a cultura... (pausa) e... influências, teria que estudar isso mais profundamente, mas, por exemplo, se você... eu não sei se você lê em alemão ou não... você já leu o Goethe? Goethe você vai ver muita (ÊNFASE) coisa assim que ele... ele bate muito nesses pontos aí, né... ele fala, tem uma coisa, você entende bem alemão?

Sim...

Tem uma frase de Goethe que fala assim “bittet und arbeitet”²⁴, né, então é uma coisa que né... que você pode rezar, mas vocês vão ter que trabalhar... agora aqui vamos rezar que isso vai dar certo (risos) outra cultura, é outra dimensão cultural assim...

Aqui é só pedir?

É, fazer sua parte, ah, sem precisar...

Na SDR11, percebemos que o processo de identificação é feito pela marcação da diferença, ou seja, o alemão é o que o brasileiro não é. Para os sujeitos alemães, uma forma de se identificarem é justamente a questão da importância que o trabalho possui na vida dessas pessoas. Então, quando os sujeitos alemães desejam conquistar algo, o importante é trabalhar em prol disso, mesmo que se reze para Deus. Em contrapartida, para aos sujeitos brasileiros, vemos que sua representação é de que estes trabalham muito menos (ou nem trabalham, apenas rezam) se comparados aos sujeitos alemães. E, nisso, emergem os imaginários do jeitinho brasileiro, conforme apresentamos no capítulo 2, no sentido de que se dá um jeito para conseguir o que se quer.

Apesar dessa marcação da diferença e, de certa forma, exaltação dessa representação acerca dos sujeitos alemães, que seria até uma forma de não valorização do perfil dos brasileiros, temos, na SDR12, a declaração de que a entrevistada se identifica mais como brasileira do que como alemã.

SDR12: E hoje você se sente mais brasileira ou mais alemã?

Eu me sinto mais brasileira (pausa). Mesmo quando eu vou pra Alemanha assim... eu não consigo assim me identificar como parte do povo alemão, né, eu não... eu acho que eu tenho os dois lados, mas não assim... hoje em dia, o alemão é muito (ÊNFASE) diferente dos meus pais, dos meus avós, muito (ÊNFASE) diferente, sabe é assim... inclusive a linguagem deles, tem muita coisa assim, eu entendo, mas eu não falo igual, né, tanto que o (E) fala pra mim que eu falo alemão de velho (risos), né?

Mais uma vez, a identificação se dá por meio da comparação: hoje, os alemães são muito diferentes se comparados com os pais e avós da entrevistada, por isso, ela não se identifica com algo com que seus familiares também não se identificariam.

Aliás, desde o início de nossas análises, temos insistido na apresentação de sequências discursivas que confirmem que os processos de constituição identitária dos sujeitos são permeados pela marcação da diferença (o “outro” é constitutivo do

²⁴ Em português, “peça e trabahe” (a tradução é nossa).

“eu” e vice-versa). A PSB configura-se, então, em oposição à PSA, e a PSBA estaria no entremeio das duas marcando a heterogeneidade constitutiva das formações discursivas.

Tendo em mente que os migrantes alemães e seus descendentes residentes no Sul do Brasil poderiam se constituir nesse espaço heterogêneo, a todos os entrevistados fizemos a pergunta: “você se sente mais brasileiro ou mais alemão?”.

No caso das entrevistadas que nasceram na Alemanha, o que percebemos é a identificação com PSA:

SDR13: Eu me sinto alemã. Eu ainda tenho nacionalidade alemã, eu não... eu não me sinto brasileira, também eu moro lá no meio de alemães também, né, então não ajuda (risos). Eu me sinto alemã porque não devo, né, eu posso me sentir alemã.

SDR14: Alemã, pois eu nasci na Alemanha. Meus irmãos mais velhos eram brasileiros, eu fui a única que nasceu lá.

Na SDR13, o fato de a entrevistada afirmar que tem nacionalidade alemã confirma seu vínculo com a terra natal, principalmente porque o “ainda” marca que, por morar há anos no Brasil, ela poderia ter adquirido a nacionalidade brasileira, mas essa possibilidade não foi considerada. Assim, ela “ainda” se considera alemã. Além disso, quando ela afirma que “mora lá no meio de alemães”, faz referência à Colônia de Entre Rios (citada no capítulo 3 desta dissertação), comunidade que até hoje mantém os costumes germânicos e remete sua filiação à FINA e a FDA.

Na SD14 é curioso observarmos que a entrevistada justifica seu pertencimento à PSA recorrendo à FDB, que se baseia no critério *jus solis*, em vez de recorrer à FDA, cujo critério é *jus sanguinis*. Já na SDR15, temos o oposto: nascida no Brasil, a entrevistada tem como referência seu pertencimento à PSA pelo critério sanguíneo:

SDR15: ah, eu me sinto alemã. Porque só tem sangue alemão correndo dentro de mim.

Os outros recortes que seguem constituem a PSBA, que temos configurado como posição de entremeio das PSB e PSA.

SDR16: Não... eu tenho orgulho de ter sido, ter... eu sou filha de alemães, mas eu sou muito brasileira, muito brasileira, nossa... muito orgulho do Brasil, não mudo por nada [...]

E se joga Brasil x Alemanha, que nem na Copa do Mundo do ano passado?

(Risos) Aí é duro, sabe, não... a gente torce pro Brasil lógico... que mora aqui tudo, mas sempre dá uma dorzinha no coração, agora quando jogava com outro time daí torcia pra Alemanha, né, mas quando jogava com o Brasil a gente torcia pro Brasil.

E você sente emoção quando toca o hino da Alemanha?

Sinto, sinto, nossa... sinto porque papai cantava, ele cantava muito em alemão quando eu era pequena, né, ele me pegava no colo assim... até essas músicas que eles cantaram ontem lá no coral assim, né, fui criada com essas músicas assim, né, então... nossa (ÊNFASE), me faz lembrar muito essas coisas, muito lindo...

A entrevistada da SDR16 fala sobre sua identidade afirmando a importância das duas nacionalidades que constituem seu “eu”. Ela afirma que tem muito orgulho de ser filha de alemães, apesar de reconhecer, por meio da adversativa “mas”, que também possui o sentimento de orgulho em relação ao “ser brasileira”, sendo que este é marcado pelo advérbio de intensidade “muito”. Na sequência, entretanto, vemos que o “equilíbrio” é instaurado entre as duas nacionalidades, quando ela ainda demonstra vínculo com a PSA: “a gente torce pro Brasil lógico [...] mas sempre dá uma dorzinha no coração”. Vemos, ainda, a emergência do domínio de memória quando a entrevistada afirma se emocionar quando ouve o hino da Alemanha, demonstrando o valor que o sujeito tem relacionado ao saber que o hino comporta em relação à memória histórica (o conforto do colo paterno, a importância da posição-sujeito filha, por exemplo).

Além da música, outro elemento partícipe da constituição identitária dos sujeitos aparece na SDR a seguir.

SDR17: Veja, queira ou não queira, a gente sempre puxa pelos antepassados, né, sempre puxos pelos antepassados, eu gosto, por exemplo, eu me sinto muito bem lá em Canela, Gramado, Nova Petrópolis, aquela região, [...] Pomerode, por exemplo, aqui em Santa Catarina, eu me sinto maravilhosamente bem em Pomerode [...] porque, sabe, a... digamos assim, a... as construções das casas, elas têm muito do estilo germânico, né, e as ruas, as pessoas, é... a gente se sente, parece que a gente está na Alemanha [...] eu me identifico muito com a Alemanha.

A configuração das comunidades alemãs no Brasil remetendo ao estilo germânico de construir casas e ruas, nesse sentido, também é constitutivo da manutenção do sentimento de pertença à FDA. O entrevistado, ao circular pelos locais que citou, afirma sentir-se na Alemanha. Por isso, por exemplo, que afirma sentir-se

“maravilhosamente bem” em ambientes onde emergem domínios de memória relacionados a seus antepassados.

Na SDR18, por fim, o entrevistado procura definir sua constituição identitária por meio da indefinição, ou seja, do entremeio entre o “ser brasileiro” e o “ser alemão”. Vejamos:

SDR18: Eu me sinto meio a meio, na realidade meio a meio, eu me sinto... quando tem alguma coisa da Alemanha já me... sabe... me chama muito a atenção. [...] eu sempre tenho essa minha metade, brasileiro, né, quando tem o hino nacional, tem alguma coisa pra... em defesa da pátria, eu me sinto brasileiro, né... quando tem alguma coisa da Alemanha, né, como assisto Deutsche Welle eu me sinto, eu já me sinto na Alemanha, né, então eu sou... eu divido, meio a meio, né, eu me sinto... meio brasileiro e meio alemão.

É nesse sentido, portanto, que consideramos a Posição-Sujeito Brasileiro-Alemão no que concerne aos descendentes de alemães. Pelas sequências discursivas aqui apresentadas, foi possível observarmos que seus processos de constituição identitária se dão por meio da heterogeneidade, tendo em vista que os saberes com os quais esses sujeitos se filiam podem ser advindos tanto da Formação Discursiva Alemã, quanto da Formação Discursiva Brasileira, uma em oposição à outra. A Posição-Sujeito Brasileiro-Alemão configura-se, pois, no entremeio de duas posições-sujeito antagônicas, as quais jogam com imaginários no sentido de atribuir um valor de verdade quando afirma que o “brasileiro é o que o alemão não é”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de encerrarmos, por ora, esta discussão, apresentamos, a seguir, algumas considerações finais. Salientamos que esta seção não se destina à exposição de conclusões, mas, sim, à reflexão acerca dos pontos mais discutidos até aqui.

Desde o início, nossa proposta foi analisar como se dão os processos de constituição identitária de migrantes alemães e seus descendentes residentes no Sul do Brasil. Diante disso, algumas perguntas surgiram: o que é ser brasileiro? O que é ser alemão? O que contribui para a existência dos imaginários acerca dessas nacionalidades? Em que medida são desenvolvidos os sentimentos de pertença a uma ou outra identidade?

Para respondermos às questões, devemos retomar os pressupostos da Análise de Discurso de vertente pêcheuxtiana para destacar que sujeito e sentido são constituídos na trama do discurso, isso porque é a Formação Social que determina as relações de produção em que os sujeitos estão inseridos em uma sociedade e, por conseguinte, os sistemas de pensamento, os quais produzem efeitos nas práticas e trocas dos sujeitos, permeadas, sempre, pela linguagem.

Funcionando nesse social, existem as Formações Ideológicas, “conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras” (Pêcheux; Fuchs, 1997, p. 163, grifo dos autores). A Formação Discursiva é o conjunto do enunciável, um princípio de repetibilidade que determina o que pode e deve (ou o que não pode e não deve) ser dito a partir de uma posição dada, isto é, da Formação Ideológica.

As Formações Ideológicas, por não possuírem fronteiras bem definidas, ora se confrontam, ora se aliam, de acordo com o que a sociedade regula, portanto, comportam várias Formações Discursivas em seu interior. Estas, por sua vez, também possuem a mesma indefinição de fronteiras, por isso, dizemos que são constituídas pela heterogeneidade. É por meio das formações sociais que os indivíduos são interpelados em sujeitos ao se identificarem (inconscientemente) a uma ou outra formação discursiva. Temos, então, que as condições de produção são constitutivas do sujeito.

Sendo assim, faz parte do processo discursivo a configuração das formações imaginárias, representações que funcionam no sentido de instituir como verdade a imagem que “eu” tenho do “outro” e vice-versa. Essas formações funcionam por meio da generalização e servem de parâmetros para as relações de troca entre os sujeitos.

Segundo Stuart Hall, a marcação da diferença é inerente ao processo de constituição identitária dos sujeitos e é por causa disso que não podemos pensar em uma identidade fixa. A identificação é um processo em andamento e que não acaba, pois é pela via da alteridade que o sujeito vai se constituindo. Além disso, se pensarmos na pós-Modernidade, “[...] quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade” (Hall, 2005, p. 65). É nesse sentido, portanto, que pensamos na perspectiva da hibridização cultural.

Considerando nosso corpus de pesquisa, os recortes de representação identitária que se fizeram presentes em nossas análises remetem ao Nacionalismo Alemão e ao Jeitinho Brasileiro, que são constituídos, respectivamente, pela Formação Discursiva Alemã e pela Formação Discursiva Brasileira. Estas comportam, também respectivamente, a Posição-Sujeito Alemão e a Posição-Sujeito Brasileiro. Além disso, se pensarmos nos sujeitos descendentes de alemães como espaço de entremeio entre as duas posições em questão, temos, ainda, a Posição-Sujeito Brasileiro-Alemão.

Tendo em mente que as posições-sujeito se relacionam por meio das formações imaginárias, organizamos nossas Sequências Discursivas de Referência (SDR) com base em questões que envolvem os sentimentos relacionados ao “ser alemão” e “ser brasileiro”. Desse modo, por meio das análises e considerando as relações sociais como fatos que se configuram em processos discursivos, temos que as questões relacionadas às práticas das línguas alemã e portuguesa, os valores e princípios familiares são partícipes dos processos de constituição identitária das posições-sujeito.

Assim, pudemos observar que o domínio de memória, enquanto complexo que armazena as formações imaginárias pela ordem do já-dito, faz parte da constituição identitária dos sujeitos entrevistados, os quais se identificam com as memórias discursivas e imaginárias, por isso, configuram-se como lugares de (re)produção de domínios de memória.

Além disso, vimos que para os sujeitos alemães os conceitos de Estado e Nação são compreendidos de forma dicotômica, sendo que esta é relacionada diretamente aos aspectos ligados às emoções e sentimentos, e aquele, à razão e à objetividade. Desse modo, podemos pensar que essa divisão dos conceitos possibilitou a manutenção dos costumes e, principalmente, do uso do idioma alemão, mesmo com a proibição imposta pelo Decreto-Lei n. 1.545, de 1939.

Enfim, mais uma vez, reiteramos que nosso objetivo com esta dissertação não foi esgotar as possibilidades de pesquisa sobre a constituição identitária dos sujeitos em questão. Porém, considerando que os fatos são processos discursivos, acreditamos que a rememoração das situações vivenciadas pelos sujeitos de nossa pesquisa contribuiu para que fosse possível situarmos *alguns* dos imaginários que envolvem o “ser alemão” e o “ser brasileiro” no sentido de destacarmos que se tratam de generalizações, mas que também configuram seus processos de identificação.

Fica, aqui, o desejo de que continuemos esta discussão em pesquisas futuras e a sugestão para que outros pesquisadores do Sul do Brasil também a ampliem, principalmente se considerarmos que, nessa região, a colonização é partícipe da constituição identitária dos sujeitos “brasileiros”.

REFERÊNCIAS

AGRÁRIA. Disponível em: <http://www.agraria.com.br/index.php>. Acesso em: 29 jan. 2016.

ALTHUSSER, L. (1918). **Aparelhos ideológicos de estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado (AIE). Tradução: Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

ARAUJO, A. Chimia é doce gaúcho que carrega memória afetiva e muito gosto de frutas. **Campo Grande News**, 12 mar. 2015. Disponível em: <http://www.campograndenews.com.br/lado-b/sabor/chimia-e-doce-gaucha-que-carrega-memoria-afetiva-e-muito-gosto-de-frutas>. Acesso em: 29 jan. 2016.

ARBUTINA, Z. Saiba o que é preciso para se tornar cidadão alemão. **Deutsche Welle**, 4 maio 2009. Disponível em: <http://www.dw.com/pt/saiba-o-que-%C3%A9-preciso-para-se-tornar-cidad%C3%A3o-alem%C3%A3o/a-4226957>. Acesso em: 7 set. 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: 5 out. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 2 jul. 2016.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 1.545**, de 25 de agosto de 1939. Dispõe sobre a adaptação ao meio nacional dos brasileiros descendentes de estrangeiros. Rio de Janeiro: 25 ago. 1939. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1545-25-agosto-1939-411654-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 16 maio 2016.

CAMPOS, C. M. **A política da língua na era Vargas**: proibição do falar alemão e resistências no Sul do Brasil. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2006.

CORACINI, M. J. A celebração do outro na constituição da identidade do brasileiro. In: CORACINI, M. J. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade – línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2007.

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

DALLA VECCHIA, A. 2013. 187 f. **Políticas linguísticas na colônia “alemã” de Entre Rios**: o papel do Colégio Imperatriz Dona Leopoldina. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguagem, Identidade e Subjetividade, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.

DAMATTA, R. da. (1936). **O que é o Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2004. (Coleção Cidadania)

DEUTSCHE WELLE. Economia alemã cresce 1,7% em 2015. **Deutsche Welle**, 14 jan. 2016a. Disponível em: <http://www.dw.com/pt/economia-alem%C3%A3-cresce-17-em-2015/a-18980453>. Acesso em: 6 jun. 2016.

DEUTSCHE WELLE. População alemã aumenta em 700 mil em 2015. **Deutsche Welle**, 29 jan. 2016b. Disponível em: <http://www.dw.com/pt/popula%C3%A7%C3%A3o-alem%C3%A3-aumenta-em-700-mil-em-2015/a-19012083>. Acesso em: 6 jun. 2016.

DEUTSCHES MÜNZENFORUM. **Gegenwert taler**. Disponível em: <http://www.emuenzen.de/forum/threads/gegenwert-taler.22193/>. Acesso em: 29 jan. 2016.

DORNELES, E. F. 2005. 267 f. **A dispersão do sujeito em lugares discursivos marcados**. Tese (Doutorado em Letras – teorias do texto e do discurso) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ELFES, A. **Suábios no Paraná**. Curitiba: [s. e.], 1971.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 10. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. (Didática, 1)

FERREIRA, M. C. L. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. In: **Organon**, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 48, v. 24, janeiro-junho, 2010, p. 17-34.

FERREIRA, M. C. L. O caráter singular da língua na análise do discurso. In: **Organon – Discurso, língua e memória**, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 35, v. 17, 2003, p. 189-200.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Coleção Campo Teórico)

GÄELZER, V. **Construções imaginárias e memória discursiva de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2014.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

INDURSKY, F. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1997.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em análise do discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. (org.). **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução: Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MALDIDIER, D. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: ORLANDI, E. de L. P. **Gestos de leitura**: da história no discurso. 3. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2010.

MARCONDES, L. R. L. e. Contextualização histórica das igrejas evangélicas no Brasil. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELIGIÃO E SOCIEDADE. O espaço do sagrado no século XXI, 3., 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2007.

OLIVEIRA, L. L. **O Brasil dos imigrantes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

c A língua brasileira. **Ciência e Cultura**, São Paulo, 2005. v. 57, n. 2, p. 29-30. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200016&script=sci_arttext. Acesso em: 28 set. 2015.

ORLANDI, E. P. Análise do discurso. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (org.). **Discurso e textualidade**. 2. ed. Campinas/SP: Pontes, 2010.

ORLANDI, E. P. **O sujeito discursivo contemporâneo**: um exemplo. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/2SEAD/CONFERENCIA/EniOrlandi.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2016.

ORLANDI, E. P. Por uma teoria discursiva da resistência do sujeito. In: ORLANDI, E. P. **Discurso em análise**: sujeito, sentido e ideologia. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, E. P. Segmentar ou recortar. In: **Linguística**: questões e controvérsias. Faculdades Integradas de Uberaba: Uberaba/MG, 1984. p. 9-26. (Série Estudos, 10)

ORLANDI, E. P. **Terra à vista** – discurso do confronto: velho e novo mundo. 2. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2008.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Tradução e introdução: José Horta Nunes. Campinas/SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução: Bethânia S. Mariani et. al. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PONS. **Dicionário básico**: português-alemão, alemão-português. São Paulo: Martins Editora, 2009.

REPRESENTAÇÕES da República Federal da Alemanha no Brasil. **As relações bilaterais entre a União Europeia e o Brasil**. Disponível em: http://www.brasil.diplo.de/Vertretung/brasilien/pt/07_Aussenpolitik/Brasil_20e_20UE.html. Acesso em: 15 maio 2016a.

REPRESENTAÇÕES da República Federal da Alemanha no Brasil. **Política externa e europeia**. Disponível em: http://www.brasil.diplo.de/Vertretung/brasilien/pt/07_Aussenpolitik/Aussenpolitik.html. Acesso em: 15 maio 2016b.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHOLZ, K-A. 10 fatos sobre a Alemanha de hoje. **Deutsche Welle**, 29 out. 2015. Disponível em: <http://www.dw.com/pt/dez-fatos-sobre-a-alemanha-de-hoje/a-18814849>. Acesso em: 6 jun. 2016.

SEYFERTH, G. **A colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim** – um estudo de desenvolvimento econômico. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974. v. 5. (Coleção Documentos Brasileiros)

SEYFERTH, G. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

SILVA, T. T. da. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

STEIN, M. **O oitavo dia**: produção de sentidos identitários na Colônia Entre-Rios-Pr. Guarapuava: Unicentro, 2011.

STROBEL, G. H. **Relatos de um pioneiro da imigração alemã**. Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1987.


VIGEVANI, T. **A segunda guerra mundial**. São Paulo: Editora Moderna Ltda., 1986.

ZANDWAIS, A. **A pesquisa em análise do discurso e suas relações com o materialismo histórico e dialético**: tentativa de esboço de uma trajetória. Trabalho apresentado no 1. Seminário Nacional de Estudos do Discurso, Rio Grande, 2013.

APÊNDICE 1 – TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL



Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado em Estudos Linguísticos

 Programa de
Pós Graduação
em Letras-UFPR

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, _____, portador (a) do RG n. _____, residente em _____, doravante denominado (a) ENTREVISTADO (A), declaro ceder à PESQUISADORA SILVIA MILENA BERNSDORF, portadora do RG n. 7.073.727-2, com endereço à Rua José Bajerski, n. 1999, casa 48, Abranches, Curitiba/PR, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental por mim prestado, em local e data abaixo identificados, para subsidiá-la na elaboração de sua dissertação de mestrado, intitulada *Processos de identificação com a língua e a cultura alemã por imigrantes e/ou seus descendentes residentes no Brasil*, do curso de Mestrado em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná. A pesquisadora fica, conseqüentemente, autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantir a integridade de seu conteúdo e a identificação de fonte e autor.

_____, ____ de _____ de 2015.

ENTREVISTADO (A)

PESQUISADORA

APÊNDICE 2 – TABELA COMPARATIVA DOS DADOS DA AMOSTRA

Amostra dos Entrevistados													
n.	Sexo	Cidade/Estado atuais	País de nascimento	País de nascimento dos pais	Chegada ao BR	Idade	Religião	Língua materna	Idade começou Língua Portuguesa	Língua Alemã		Língua Portuguesa	
										Oralidade	Escrita	Oralidade	Escrita
E01	Feminino	Curitiba/PR	Alemanha	Alemanha	1929/1949 (pais)	74	Católica	Língua alemã	8 anos	Sim	Sim	Sim	Sim
E02	Feminino	Itapoá/SC	Brasil	Alemanha	1924 (pais)	83	Luterana	Língua alemã	10-13 anos	Sim	Pouco	Sim	Sim
E03	Masculino	Alm. Tamandaré/PR	Brasil	Brasil	1856 (bisavós)	81	Católica	Língua alemã	10-12 anos	Sim	Não	Sim	Sim
E04	Feminino	Curitiba/PR	Brasil	Alemanha	1924 (pais)	66	Luterana	Língua alemã	5 anos	Sim	Sim	Sim	Sim
E05	Masculino	Paranavaí/PR	Brasil	Alemanha	1920 (pais)	80	Luterana	Língua alemã	4 anos	Sim	Pouco	Sim	Pouco
E06	Feminino	Curitiba/PR	Brasil	Alemanha	Não sabe	79	Católica	Língua alemã	6-7anos	Sim	Pouco	Sim	Sim
E07	Feminino	Guarapuava/PR	Alemanha	Alemanha	1958	80	Católica	Língua alemã	21 anos	Sim	Sim	Sim	Sim
E08	Masculino	Curitiba/PR	Brasil	Alemanha e Tchecoslováquia	Não sabe	68	Menonita	Língua alemã	5-7 anos	Sim	Não	Sim	Sim
E09	Masculino	Curitiba/PR	Brasil	Alemanha	1932 (avós e pai)	75	Católica	Língua alemã	5-7 anos	Sim	Pouco	Sim	Sim

APÊNDICE 3 – EXEMPLO DE RELATO MEMORIALÍSTICO

Depoimento Entrevistada 02 (DE02)

(Pesquisadora): Me conte um pouco sobre sua história, data e local de nascimento.

(E02): Eu nasci no dia 30 de abril de 1932 em Felipe Schmidt município de Canoinhas [pausa] Santa Catarina.

E os seus pais?

Meus pais vieram da Alemanha.

De qual lugar, você sabe?

De Mühlhausen. Meu pai era nascido em Berlim, foi nascido em Berlim, depois morou em Mühlhausen, depois de casado.

Uhum. E a tua mãe?

A mãe era de Mühlhausen.

Quando que eles vieram pra cá?

Em 1924.

Por que eles vieram pra cá, você sabe?

Sei. Meu pai tinha, tinha saído da guerra, né, em 1918 terminou a 1ª que ele esteve 4 anos na guerra e daí ele tinha um comércio muito grande e a inflação estava muito alta na Alemanha então ele... ele fugiu de lá por causa da inflação, fugiu não, mas saiu, né... e saiu, mas ele não veio como imigrante, ele veio particular trazendo 5 funcionário que ele queria trabalhar, né, pra pra eles trabalharem aqui no Brasil, mas só que os funcionário chegaram ficaram apavorado de vê o mato aqui no Brasil em 1924 pegaram o 1º navio e voltaram, então ele ficou só com o meu irmão, aqui, que veio também, e a mãe, a a esposa, né, e a... eles já tinham a (l) uma menina de 2 anos e a minha mãe estava esperando neném, e não podia viajar grávida... porque demorava 2 meses a viagem, né, então daí ela teve que esperar esses 2 meses pra granhar o neném, daí ela veio... com as duas criança, também levando 2 meses de

viagem, né, daí ela desembarcou... ele desembarcou no Rio de Janeiro... e ela desembarcou em São Francisco do Sul, daí o papai veio buscá-la de trem, naquela época já tinha trem, São Francisco ali, e daí ele volt... moraram em Jaraguá, Estrada Schroeder, até o pai ficar doente de... Malária, né, naquele tempo tinha muita doença, né, e não tinha medicação assim pra... é... 9 meses ele ficou de cama, só gastando, ele tinha começado uma... uma olaria lá com o (M), que existe essa firma [INCOMPREENSÍVEL] até hoje, mas o pai caiu de cama e teve que gastar tudo o que tinha e o que ele tinha tinha na Alemanha pra vender lá, a mamãe ficou pra receber, o advogado ficou com tudo, como era muito difícil pra se comunicar e tudo naquela época eles gastaram 25 mil réis só do telegrama e o advogado não pagou, papai perdeu tudo o que ficou na Alemanha e então ainda teve que começar vida nova aqui, né, e daí ele ficou... e então eles viveram assim muito tempo só vendendo o que eles trouxeram, eles trouxeram muita mudança, muita bagagem, né, não sei quantas tonelada de bagagem então eles viveram assim meses só gastando em médico e vivendo... e daí já tinham 4 criança, eles já tinham mais dois filhos ali de Jaraguá, né, meus irmãos, então já eram 4 criança já, só eu não tinha nascido ainda. Eles tinham perdido dois filhos na Alemanha, na guerra, aí... faleceram pequenos, e daí ele teve essa minha irmã, a (I), e o (F), que vieram da Alemanha e depois teve o (A) e a (R), nasceram na estrada Schroeder, e daí o médico falou pra ele, que se ele quisesse sarar só mudasse de clima, então ele pegou o trem, que ele já tava só coro e osso, e já não tinha mais dinheiro também, então ele pegou o trem e subiu a serra. E ele se sentiu bem, quando ele chegou perto de valões, ali, naquele... perto de valões, hoje é Irenópolis, ele desceu, ele disse: eu vou ficar aqui, e sarou realmente, né, daí mandou chamar mamãe, né, então com esse resto da mudança, eles venderam ali, pra... pra um alemão que tinha ali, e começou... pôs um barzinho pra sobreviver, né, a minha irmã tinha 6 anos na época ela cuidava tudo, ajudava a cuidar do bar, então como ele não tinha estoque, a pessoa chegava e queria uma cerveja, ele mandava (I) ir no vizinho, no bar do vizinho buscar uma cerveja, e vendia pro outro (risos), e assim ele foi, daí ele achou que era pouco, assim, pra ganhar, porque era só à noite, né, que tinha, só à noite, daí ele foi trabalhar numa serraria dum judeu lá, e... daí ele... se acidentou (pausa) arrebitou uma ripa e deixou ele alejado (pausa) e pra encurtar conversa ele de novo perdeu o seguro, porque deu pra um advogado e papai não ganhou nenhum tostão... daí o papai ficou assim... 20 anos de muleta e bengala, depois ele andou sem muleta e bengala, sabe... e assim a vida deles foi bastante

sofrida, mas sempre feliz e ele adorava o Brasil, que eles sofreram muito naquela época na Alemanha, né? É isso aí...

Uhum, e como era em casa, depois quando você tinha nascido, vocês conversavam em alemão?

Sim. Eu nasci depois em Felipe Schmidt, porque eles moravam em Irenópolis, daí ele foi pra Felipe Schmidt, que tinha... que o papai nunca foi empregado, ele sempre trabalhou por conta e desde o primeiro dia que ele entrou no Brasil ele pagou imposto, toda vida pagando imposto que tinha, sempre respeitando as leis, daí ele foi pra Felipe Schmidt, tinha umas terra, era um lugar assim, como diz, novo, né, não era desbravado ainda, então ele foi lá compra uns terreno, que ele comprou 4 chácaras enorme lá, naquele tempo, né, mas era mato puro, né, lá eu nasci em 32, daí... era uma vila, né, também não sei muito daquilo, né, hoje é plantação de soja, já (pausa) então daí ficou... nós 5 irmãos... o que mais que você perguntou?

Se vocês conversavam em alemão...

Ah, sim. Nós sempre conversamos em alemão. Papai nunca deixou ser... mandado, que nem no tempo da guerra que eles proibiam o alemão, ele disse: “dentro da minha casa eu falo o que eu quiser”. E vinha delegado do porto, de Porto União, prenderam todos os alemães, menos o meu pai. Ele re-recebia eles, mandava eles entrar, eles iam conversar, “mas o senhor não podia falar alemão”. “Falo, dentro da minha casa quem manda sou eu”... e nós, por isso que nós sabemos falar alemão, senão a gente ficava também que nem os outros, que depois... não podiam, não sabiam falar, né? Mas graças a Deus depois terminou a guerra, tudo... a gente sofreu, tempo da guerra a gente sofreu, depois que terminou a guerra a gente sofreu, eu tava na escola naquela época... a gente sofreu bastante assim que... ainda mais daí a Alemanha perdeu, daí a gente sofreu mais ainda, né... mas a gente agüentou, sempre quieto, a gente... (pausa)

É, essa imagem da Alemanha, da guerra, então foi um fator negativo?

É, nossa...

Por ter perdido

Ah... até o restinho da 2ª guerra foi pra... pra nós aqui, porque... daí a gente ficou mal visto com os italianos tudo, né, porque... aquele eixo que eles diziam, né, eram contra ou a favor, né, mas...

E vocês conviviam com a comunidade alemã ali também?

Sim... Pouca gente, tinha 3, 4 família só... O (W) era um deles, os avós deles... dele... era um dos compadre do meu pai lá, que eram nossos amigos, eram 3, 4 família só de... de alemães e luteranos também, o resto era tudo mais italiano, né, convivemos muito bem com eles, convivemos (ÊNFASE), né, muito bem com os italianos assim... e assim a gente não teve queixa de... do povo não... agora o governo, mais os político, por que a gente achava que, porque a gente nem sabia o que era política, mas... justamente os políticos, eles judiaram muito dos alemães, humilhavam... então, no tempo da guerra eles pegaram esse... avô do (W), ele morava na... na chácara, mais retirado, um homem bom, mas bom, trabalhador (ÊNFASE), pega ele, levaram ele assim com dois policial atrás e... andar com ele pela ci... pela vila inteira, todo mundo veio humilhar ele assim, sabe... o outro, seu (A) [INCOMPREENSÍVEL]... que era engenheiro, tiraram de dentro da casa assim sem dizer uma palavra e puseram na cadeia, eles mandavam tudo pra Joinville, o... o... [INCOMPREENSÍVEL] não ficou na cadeia, eles só prenderam uns dias ali daí soltaram... não tinha motivo (ÊNFASE) pra prender, né, mas os outros... só porque ele tinha um rádio, o seu (A), sabe, pegaram o rádio, né, e daí ele foi pré... ficou 2 anos preso em Joinville, nossa, o que sofreram ali...

Em que ano mais ou menos?

Foi em quarenta e... 45 terminou a guerra, é nessa época...

E daí na escola

A gente foi também bastante... risada por causa de... de ser alemão, né, mas... a gente ficava quieto... com o tempo tudo se... se resolveu, né, a gente viveu muito bem lá.

Mas você lembra de alguma coisa assim, alguma história da escola bem...

A nossa escola era muito boa, nós tivemos uma professora... muuuuito boa, que era... e ela tinha um ódio de alemão, pra completar (risos), mas... ela... se ela podia, ela me chamava de alemoa burra assim sabe, só pra... porque a única coisa que ela podia

me fazer, né, porque a gente... nunca dei motivo pra ela me... me judiar, mas quando ela podia ela me chamava de alemoa burra, assim... na frente dos outro, sabe, [INCOMPREENSÍVEL] mas ela tinha ódio (ÊNFASE) dos alemães, mas como professora foi a melhor professora de Santa Catarina... eu acho que ela é viva ainda, (MEGF), tenho muito orgulho de ter sido aluna dela, sabe, ela dava aula pra... 3 classes numa sala só porque eram poucos alunos, né, então tinha o... primário, e era duas... assim, 3, 4 aluno de cada série, né, primeiro, segundo, terceiro grau, não tinha quarto, ia só até terceira, então era numa sala só, né... e ela era muito boa...

E mesmo ela te chamando de alemoa burra você tem orgulho de ter sido aluna dela...

Tenho. Tenho orgulho porque eu aprendi muito com ela, depois a gente ficou amigo, né, eu cresci, eu me dava muito com a mãe dela, eu sempre assim muita facilidade de ter amizade com pessoas idosas, por causa de trabalhos manuais, essas coisas, né, sempre gostei, então ela me ensinou bastante a mãe dela, a dona (H)... ela era, eles eram de Joinville, então daí ela... sempre me convidada pra ir lá tomar um café, pra gente trocar ideia sobre trabalhos, assim, então aprendi muito com eles assim... ficou uma amizade boa assim... não valia a pena, vão brigar por causa de guerra, por causa de nacionalidades, né, se a gente convivia num lugarejo pequeno assim, né...

E foi difícil aprender a língua portuguesa?

Não, não porque a gente aprende junto com o alemão, né.

E também como você nasceu aqui...

É, já foi mais fácil, né...

E daí alemão em casa e português com as outras pessoas

A gente falava português em casa também, às vezes alemão, não só alemão assim, era tanto uma língua como a outra.

E se você for tentar pensar nos seus sentimentos, você se sente alemã ou você se sente brasileira?

Não... eu tenho orgulho de ter sido, ter... eu sou filha de alemães, mas eu sou muito brasileira, muito brasileira, nossa... muito orgulho do Brasil, não mudo por nada...

então, já tive oportunidade de ir pra Alemanha, não sei ainda... quase, quase que eu fui com a (E), né, fiz passaporte e tudo, não fui ainda. Meu pai sempre quis me levar, ele sempre dizia, e naquele tempo não tinha avião, né, meu pai já faz... quantos anos que ele já é falecido, 50, 60 anos já que é falecido, então ele sempre dizia que se tivesse um avião ele me levava pra Alemanha, que era o maior sonho dele que eu conhecesse a Alemanha, então pode ser que eu ainda vá conhecer...

[...]

E se joga Brasil x Alemanha, que nem na Copa do Mundo do ano passado?

(Risos) Aí é duro, sabe, não... a gente torce pro Brasil lógico... que mora aqui tudo, mas sempre dá uma dorzinha no coração, agora quando jogava com outro time daí torcia pra Alemanha, né, mas quando jogava com o Brasil a gente torcia pro Brasil.

E você sente emoção quando toca o hino da Alemanha?

Sinto, sinto, nossa... sinto porque papai cantava, ele cantava muito em alemão quando eu era pequena, né, ele me pegava no colo assim... até essas músicas que eles cantaram ontem lá no coral assim, né, fui criada com essas músicas assim, né, então... nossa (ÊNFASE), me faz lembrar muito essas coisas, muito lindo...

E lembra muito o pai, né?

Nossa, nem fale!

Então ele cantava pra você...

Ele e minha mãe cantava... Porque na Alemanha eles tinham que estudar música, né, então eles tinham voz educada, né, eles cantavam muito bem, nós morava na chácara então tinha gente... que lá não tinha rádio, não tinha nada, então eles se visitavam assim à noite às vezes vinha à noite, muitos vinham da vila pra nos visitar, chegava no portão escutava eles cantar, não entrava, ficava escutando e depois ia embora, não tinham coragem de atrapalhar de tão lindo que eles cantavam, sabe... eu tive uma infância maravilhosa, nossa! (ÊNFASE) Meus pais eram... (NÃO CONCLUIU A FRASE)

E pra ler livros, você lia livros em alemão, ou contavam história?

Acontece... que ali eles trouxeram muitos livros da Alemanha, mas quando estourou a Guerra papai teve que queimar tudo, então... eu tive depois, que eu ganhei, eu tenho até hoje, da igreja, né, eu tenho acho que dois livros ainda... [INCOMPREENSÍVEL] eu tenho guardado ainda esses livros, em alemão, esses eu lia... eu não, eu não sei ler muito bem, eu to agora ainda lendo, lendo sozinha, né, porque eu falo mas não sei ler nem escrever... em alemão... que são três coisas muito diferentes, né, então pra, pra... pra ler e escrever você tem que saber o que está falando e não adianta copiar uma coisa, né, então eu gosto muito de pronunciar, sabe, então eu leio frases assim, eu leio a frase assim e vejo se a frase tá certa, sabe, palavra, né, então às vezes numa palavra dá pra fazer quase três sílabas e a gente tem que dar aquela conotação da palavra, então daí eu falo alto pra mim mesmo, pra ver se eu to certa, porque falar eu sei, eu só não sei ler...

E em português?

Vai bem.

Porque você aprendeu aqui...

Sempre li, não pra fazer a escola, e meu pai assinava O Estado de S. Paulo, toda vida, desde que ele veio pro Brasil, desde que teve O Estado de S. Paulo. Ele lia... O Estado de S. Paulo era o melhor jornal do Brasil, e vinha muito suplemento feminino onde eu aprendi tudo, no suplemento feminino, até o parto sem dor eu aprendi, depois que eu casei fui morar sempre no interior, né, nossa, como me serviu aquele suplemento... e trabalhos manuais, cozinha... tudo eu aprendi pelo jornal, maravilhoso.

Então você lia mais em português mesmo...

Eu lia muito, eu lia muito, desde pequena eu lia muito.

E para os seus filhos, você lia também?

Lia, lia. E também incentivava eles bastante também.

E seu marido, era de qual descendência?

Polonês

E qual era a religião da tua família?

Luterana.

Seu pai e sua mãe eram luteranos?

Eram luteranos, os dois.

E você até hoje pratica?

Sim, até hoje eu sou luterana. Agora, meus filhos são tudo católico. Que eu sempre falo, né, pros pastores lá, digo porque... quanto parente que eu tenho aqui e viraram tudo católico, porque, por falta de igreja, por falta de comunicação, a gente nunca tinha igreja luterana onde a gente morava, sabe, nunca... então a gente tinha que ir longe pra... fazer comunhão, todas essas coisas, assim, era muito difícil naquela...

E vocês rezavam em casa, já que era longe a igreja?

Sim, a gente rezava em casa, seguia, normal, né, quando ia dormir, quando ia fazer a refeição, fazia agradecimento, sempre dava um jeito de fazer refeições juntos, sempre com bastante respeito... essa parte assim a gente... meus pais eram muito, muito queridos, a gente... teve uma formação boa, né?

E você não quis se tornar católica também?

Não, eu não tenho como, né, eu nasci luterana, me criei luterana e não saberia, como diz o... frequento a igreja católica também, por causa das criança, né, tudo, mas... nunca frequento, né... eu vou às vezes, não acho muita diferença da igreja católica e luterana... é muito pouca diferença, Deus nós temo um só, né. Eu gosto muito de ser luterana.

E não tinha conflito por causa da religião?

Tinha, tinha... nossa como tinha, porque era só nós luterano, então pense, na escola, alemã luterana, cê quer mais? O que que a gente escutava? Só ficava quieto, vou teimar com eles pra que, né?

E hoje em dia, se te falam alguma coisa, você iria responder?

Não, eu não sou de responder, um parecer, uma coisa assim... até dou, né, mas assim... pra discutir religião não, daí entra outras coisas, porque eu acho que cada um

tem os seus direitos, né, se eles me respeitam, eu respeito a deles, se eu não acho bom eu fico quieta, eu acho que é a melhor coisa que a gente faz, né.

E de práticas culturais, como era aqui com seus pais, ouvir música, dança?

É que não tinha nada naquele tempo, nem rádio a gente não tinha, então era só cantado em casa, né, e o que eles podiam explicar pra gente, contar pra gente, assim... depois quando a gente ficou moça, sim, daí era música, era dança, era... e a gente procurava, sempre, daí a gente começou a mais poder sair pra fora, que nem... ir pra Canoinhas, pra tudo, né, então a gente sempre teve... boas amizades, então a gente teve bastante assim... aprendizado também, né...

Amizades alemãs também?

Também. Até fui visitar esses dias um amiga lá de... que morava em Canoinhas, que foi muito bacanas pra mim, até é madrinha do meu filho... [...] não tivemos parentes aqui no Brasil, mas tivemos amigos que duram até hoje, 60, 70... quase 80 anos de amizade assim, né, a gente ta sempre junto e cultivando essas amizades assim.

[...]

E em alemão você fala com mais alguém hoje em dia?

Tem as amigas de Itapoá, né, que a gente falar, faz é brincadeiras... assim do que a gente não pode falar, por que nós somos muito brincalhão assim em alemão e todo mundo pensa que a gente ta falando deles, falou em alemão você ta falando dos outros, né... então a gente tem que sempre evitar essas coisas né, pra não haver encrenca, né, nós trocamos às vezes algumas palavras, mas não dá pra conversar... porque as pessoas já se ofendem, já acham que a gente ta falando deles.

E o que você acha dessa imagem que algumas pessoas têm de que os alemães são brabos, que quem usa a língua alemã é para falar mal do outro, você acha que isso tem sentido, esse estereótipo?

Não. É por ser... eu acho assim, que a gente é muito alegre, então eles acham que a gente tá caçoando deles, só falar uma palavra em alemão que acham que a gente ta falando deles... bobagem (RISOS).

E sobre o alemão ser pontual.

Ah isso é verdade... nessa parte... meu pai sempre dizia “se for sete horas, não é nem 7h05 nem 18h55, é 7h”... e a gente não tinha relógio, mas chegava lá na hora, marcava na escola, até os minutos a gente contava, era uns 2, 3km da escola, né, a casa, então era “tal hora cês têm que tar em casa”... nós tava... então como tinha umas árvore frutíferas na beira da estrada... nós queria trepar nas árvores, né, então, o que que a gente fazia, a gente corria, corria, corria até lá, subia na árvore, comia as fruta e corria... às cinco horas a gente tava em casa (RISOS).

E que outras características dos alemães você acha que tem, por exemplo, ser brabo?

Não, eu não acho que seja brabo, se for se basear pela minha família, assim, gente honesta, que gosta de trabalhar, caprichoso... eu posso me basear mais pelo...

E religioso...

Religioso...

Gosta de fazer festa?

Festa... e não se preocupa com a vida dos outro, ajudar quem precisasse, sempre [INCOMPREENSÍVEL]

Mesmo sendo xingado, sofrendo preconceito...

Sempre, sempre. Minha mãe levantava de noite, que tinha uma vizinha, que às vezes precisava de alguma coisa, né, nossa, minha mãe se judiou bastante, ela gostava de ajudar sempre, é isso.

E além de conversar às vezes com alguma pessoa, que tipo de contato com a Alemanha você tem hoje em dia, você escuta música?

Sim, música alemã eu gosto muito, tenho os discos ainda. [...]

E pros seus filhos você passou alguma coisa de cultura?

Mas daí foi justamente quando eles entraram na escola, achavam feio falar alemão, então quando a gente ia ensinar eles não queriam porque os outros davam risada deles... hoje eles se arrependem.